

P. Elias Comini: sacerdote mártir em Monte Sole

No dia 18 de dezembro de 2024, o Papa Francisco reconheceu oficialmente o martírio do P. Elias Comini (1910-1944), Salesiano de Dom Bosco, que, portanto, será beatificado. Seu nome se junta ao de outros sacerdotes – como o P. João Fornasini, já Beato desde 2021 – que foram vítimas das violentas atrocidades nazistas na área de Monte Sole, nas colinas de Bolonha, durante a Segunda Guerra Mundial. A beatificação do P. Elias Comini não é apenas um evento de extraordinária relevância para a Igreja bolonhesa e a Família Salesiana, mas também constitui um convite universal para redescobrir o valor do testemunho cristão: um testemunho em que a caridade, a justiça e a compaixão prevalecem sobre qualquer forma de violência e ódio.

Dos Apeninos aos pátios salesianos

O P. Elias Comini nasceu em 7 de maio de 1910 na localidade “Madonna del Bosco” em Calvenzano di Vergato, na província de Bolonha. Sua casa natal é contígua a um pequeno santuário mariano, dedicado à “Madonna del Bosco” [Nossa Senhora do Bosque], e essa forte marca sob a proteção de Maria o acompanhará por toda a vida.

Ele é o segundo filho de Cláudio e Ema Limoni, que se casaram na igreja paroquial de Salvaro, em 11 de fevereiro de 1907. No ano seguinte nasceu o primogênito Hamlet. Dois anos depois, Elias veio ao mundo. Batizado no dia seguinte ao nascimento – 8 de maio – na paróquia de Santo Apolinário em Calvenzano, Elias recebeu naquele dia também os nomes de “Miguel” e “José”.

Quando tinha sete anos, a família se mudou para a localidade “Casetta” em Pioppe di Salvaro, no município de Grizzana. Em 1916, Elias entrou para a escola: frequentou as três primeiras séries do ensino fundamental em Calvenzano.

Nesse período, ele também recebeu a Primeira Comunhão. Ainda pequeno, mostrou-se muito envolvido no catecismo e nas celebrações litúrgicas. Recebeu a Crisma em 29 de julho de 1917. Entre 1919 e 1922, Elias aprendeu os primeiros elementos de pastoral na “*escola de fogo*” de D. Fidêncio Mellini, que, quando jovem, conheceu Dom Bosco, o qual lhe profetizou o sacerdócio. Em 1923, o P. Mellini orientou tanto Elias quanto seu irmão Hamlet para os Salesianos de Finale Emilia, e ambos aproveitarão o carisma pedagógico do santo dos jovens: Hamlet como docente e “empreendedor” na área da escola; Elias como Salesiano de Dom Bosco.

Noviço desde 1º de outubro de 1925 em São Lázaro di Savena, Elias Comini ficou órfão de pai em 14 de setembro de 1926, a poucos dias (3 de outubro de 1926) de sua Primeira Profissão religiosa, que renovou até a Perpétua, em 8 de maio de 1931, no aniversário do batismo, no Instituto “São Bernardino” de Chiari. Em Chiari, ele também foi “tirocinante” no Instituto Salesiano “Rota”. Recebeu em 23 de dezembro de 1933 as ordens menores do ostiariado e do leitorado; em 22 de fevereiro de 1934, do exorcistado e do acolitado. Foi subdiácono em 22 de setembro de 1934. Ordenado diácono na catedral de Bréscia em 22 de dezembro de 1934, o P. Elias foi ordenado sacerdote pela imposição das mãos do Bispo de Bréscia, D. Jacinto Tredici, em 16 de março de 1935, com apenas 24 anos: no dia seguinte, celebrou a Primeira Missa no Instituto Salesiano “São Bernardino” de Chiari. Em 28 de julho de 1935, ele festejará com uma Missa em Salvaro.

Matriculado na faculdade de Letras Clássicas e Filosofia da então Real Universidade de Milão, ele sempre foi muito querido pelos alunos, tanto como docente quanto como pai e guia no Espírito: seu caráter, sério sem rigidez, lhe valeu estima e confiança. O P. Elias também é um excelente músico e humanista, que aprecia e sabe fazer apreciar as “coisas belas”. Nos trabalhos escritos, muitos alunos, além de desenvolver a proposta, consideram natural abrir seu coração ao P. Elias, proporcionando-lhe assim a oportunidade de acompanhá-los e orientá-los. Do P. Elias “Salesiano” se dirá

que era como a galinha com os pintinhos ao redor («*Lia-se no rosto deles toda a felicidade de ouvi-lo: pareciam uma ninhada de pintinhos ao redor da galinha*»): todos próximos a ele! Essa imagem remete à de Mt 23,37 e expressa sua atitude de reunir as pessoas para alegrá-las e protegê-las.

O P. Elias se formou em 17 de novembro de 1939 em Letras Clássicas com uma tese sobre o *De resurrectione carnis* [*Sobre a ressurreição da carne*] de Tertuliano, sob a orientação do professor Luís Castiglioni (latinista de renome e coautor de um famoso dicionário de Latim, o “Castiglioni-Mariotti”): ao se deter nas palavras «*resurget igitur caro* [*portanto a carne ressuscitará*]», Elias comenta que se trata do canto de vitória após uma longa e extenuante batalha.

Uma viagem sem retorno

Quando o irmão Hamlet se mudou para a Suíça, a mãe – Dona Ema Limoni – ficou sozinha nas montanhas: por isso, o P. Elias, em plena concordância com os Superiores, lhe dedicaria todos os anos suas férias. Quando voltava para casa, ajudava a mãe, mas – sacerdote – se tornava antes de tudo disponível na pastoral local, ao lado de D. Mellini.

De acordo com os Superiores e em particular com o Inspetor, P. Francisco Rastello, o P. Elias voltou a Salvaro também no verão de 1944: naquele ano, esperava poder afastar a mãe de uma área onde, a uma curta distância, forças Aliadas, partidários da resistência italiana e efetivos nazifascistas constituíam uma situação de risco particular. O P. Elias estava ciente do perigo que corria ao deixar sua Treviglio para ir a Salvaro, e um coirmão, o P. José Bertolli, sdb, recorda: «*ao me despedir, disse-lhe que uma viagem como a dele poderia também ser sem retorno; perguntei-lhe também, naturalmente brincando, o que ele me deixaria, se não voltasse; ele me respondeu no mesmo tom, que me deixaria seus livros...; depois não o vi mais*». O P. Elias já estava ciente de que se dirigia para “o olho do furacão” e não buscou na Casa Salesiana (onde poderia facilmente ter permanecido) uma forma de proteção: «*A última lembrança que tenho dele remonta ao*

verão de 1944, quando, em razão da guerra, a Comunidade começou a se dissolver; ainda lembro minhas palavras que, de forma amistosa, se dirigiam a ele, com um ar quase de brincadeira, lembrando-o de que ele, nesses períodos sombrios que estávamos prestes a enfrentar, deveria se sentir privilegiado, pois no telhado do Instituto havia sido traçada uma cruz branca e ninguém teria coragem de bombardeá-lo. Ele, porém, como um profeta, me respondeu para estar muito atento, porque durante as férias eu poderia ler nos jornais que o P. Elias Comini havia morrido heroicamente no cumprimento de seu dever». «Estava muito viva em todos a sensação do perigo ao qual ele se expunha», comentou um coirmão.

No caminho para Salvaro, o P. Comini faz uma parada em Módena, onde cuida de uma grave ferida em uma perna: segundo uma versão, por ter se interposto entre um veículo e um pedestre, evitando assim um acidente mais grave; segundo outra versão, por ter ajudado um senhor a empurrar um carrinho. De qualquer forma, por ter socorrido o próximo. Dietrich Bonhoeffer escreveu: *«Quando um louco joga seu carro na calçada, eu não posso, como pastor, me contentar em enterrar os mortos e consolar as famílias. Eu devo, se estiver naquele lugar, pular e agarrar o motorista ao volante».*

O episódio de Módena expressa, nesse sentido, uma atitude do P. Elias que em Salvaro, nos meses seguintes, se tornaria ainda mais evidente: interpor-se, mediar, acorrer pessoalmente, expor sua vida pelos irmãos, sempre consciente do risco que isso implica e serenamente disposto a arcar com as consequências.

Um pastor na linha de frente da guerra

Coxeando, ele chega a Salvaro ao entardecer de 24 de junho de 1944, apoiando-se como pode em uma bengala: um instrumento incomum para um jovem de 34 anos! Encontra a casa paroquial transformada: Dom Mellini abriga dezenas de pessoas, pertencentes a núcleos familiares de desabrigados; além disso, as 5 irmãs Servas do Sagrado Coração, responsáveis pela creche, entre as quais irmã Alberta Taccini. Idoso, cansado e

abalado pelos eventos bélicos, naquele verão D. Fidêncio Mellini tem dificuldade em decidir, tornou-se mais frágil e incerto. O P. Elias, que o conhece desde criança, começa a ajudá-lo em tudo e assume um pouco a situação. A ferida na perna também o impede de afastar a mãe: o P. Elias permanece em Salvaro e, quando pode novamente andar bem, as circunstâncias mudadas e as crescentes necessidades pastorais farão com que ele fique.

O P. Elias reanima a pastoral, acompanha o catecismo, cuida dos órfãos abandonados a si mesmos. Ele também acolhe os desabrigados, encoraja os temerosos, modera os imprudentes. A presença do P. Elias torna-se agregadora, um sinal positivo naqueles momentos dramáticos em que as relações humanas são dilaceradas por desconfianças e oposições. Coloca a serviço de tanta gente as capacidades organizativas e a inteligência prática treinadas em anos de vida salesiana. Escreve ao irmão Hamlet: «Certamente são momentos dramáticos, presságios de outros piores. Esperamos tudo na graça de Deus e na proteção de Nossa Senhora, que vocês devem invocar por nós. Espero poder ainda lhes enviar notícias nossas».

Os alemães da Wehrmacht patrulham a área e, nas colinas, está a brigada partisansa “Estrela Vermelha”. O P. Elias Comini permanece uma figura estranha a reivindicações ou partidarismos de qualquer tipo: é um sacerdote e faz valer demandas de prudência e pacificação. Aos partisanos, ele dizia: *«Rapazes, vejam o que fazem, porque estão arruinando a população...»*, expondo-a a retaliações. Eles o respeitam e, em julho e setembro de 1944, pedirão Missas na paróquia de Salvaro. O P. Elias aceita, fazendo descer os partisanos e celebrando sem se esconder, evitando, em vez disso, subir para a área partisansa e preferindo – como sempre fará naquele verão – permanecer em Salvaro ou em áreas vizinhas, sem se esconder ou deslizar em atitudes “ambíguas” aos olhos dos nazifascistas.

Em 27 de julho, o P. Elias Comini escreve as últimas linhas de seu Diário espiritual: «27 de julho: estou exatamente no meio da guerra. Sinto saudades de meus coirmãos

e de minha casa em Treviglio; se pudesse, voltaria amanhã».

Desde 20 de julho, compartilhava uma fraternidade sacerdotal com o padre Martinho Capelli, Dehoniano, nascido em 20 de setembro de 1912 em Nembro, na região de Bérgamo, e já docente de Sagrada Escritura em Bolonha, também hóspede de Dom Mellini e ajudando na pastoral.

Elias e Martinho são dois estudiosos de línguas antigas que agora devem cuidar das coisas mais práticas e materiais. A casa paroquial de D. Mellini torna-se o que Dom Luciano Gherardi chamaria mais tarde de «a comunidade da arca», um lugar que acolhe para salvar. O P. Martinho era um religioso que se entusiasmou ao ouvir falar dos mártires mexicanos e desejava ser missionário na China. Elias, desde jovem, é perseguido por uma estranha consciência de “dever morrer” e já aos 17 anos havia escrito: *«Persiste sempre em mim o pensamento de que devo morrer! – Quem sabe?! Vamos agir como o servo fiel: sempre preparado para o chamado, a “reddere rationem [prestar contas]” da gestão»*.

Em 24 de julho, o P. Elias inicia o catecismo para as crianças em preparação para as primeiras Comunhões, agendadas para 30 de julho. No dia 25, nasce uma menina no batistério (todos os espaços, da sacristia ao galinheiro, estavam lotados) e um laço rosa é pendurado.

Durante todo o mês de agosto de 1944, soldados da Wehrmacht estão estacionados na casa paroquial de D. Mellini e no espaço em frente. Entre alemães, desabrigados, consagrados... a tensão poderia explodir a qualquer momento: o P. Elias medeia e previne também em pequenas coisas, por exemplo, atuando como um “amortecedor” entre o volume excessivo do rádio dos alemães e a paciência já muito curta de D. Mellini. Houve também um pouco de Rosário todos juntos. O P. Ângelo Carboni confirma: *«Na intenção sempre de confortar o Bispo, o P. Elias se esforçou muito contra a resistência de uma companhia de alemães que, estabelecendo-se em Salvaro em 1º de agosto, queria ocupar diversos ambientes da Casa Paroquial, tirando toda a liberdade e conforto das famílias e desabrigados ali hospedados. Acomodados os alemães no arquivo*

do Bispo, eles voltaram a perturbar, ocupando com seus carros boa parte do pátio da Igreja; com modos ainda mais gentis e palavras persuasivas, o P. Elias conseguiu também essa outra liberação para conforto do Bispo, que a opressão da luta havia forçado ao descanso». Naquelas semanas, o sacerdote salesiano é firme em proteger o direito de D. Mellini de se mover com certa liberdade em sua própria casa – bem como o dos desabrigados de não serem afastados da casa paroquial –: no entanto, reconhece algumas necessidades dos homens da Wehrmacht e isso atrai a benevolência deles em relação a D. Mellini, que os soldados alemães aprenderão a chamar de *o bom pastor*. Dos alemães, o P. Elias consegue comida para os desabrigados. Além disso, canta para acalmar as crianças e conta episódios da vida de Dom Bosco. Em um verão marcado por assassinatos e retaliações, com o P. Elias, alguns civis conseguem até ouvir um pouco de música, evidentemente transmitida pelo aparelho dos alemães, e se comunicar com os soldados através de breves gestos. O P. Rino Germani, sdb, Vice-Postulador da Causa, afirma: *«Entre as duas forças em luta se insere a obra incansável e mediadora do Servo de Deus. Quando necessário, ele se apresenta ao Comando alemão e, com educação e preparação, consegue conquistar a estima de alguns oficiais. Assim, muitas vezes consegue evitar retaliações, saques e lutos».*

A casa paroquial foi liberada da presença fixa da Wehrmacht em 1º de setembro de 1944 – *«Em 1º de setembro, os alemães deixaram livre a área de Salvaro; apenas alguns permaneceram por mais alguns dias na casa Fabbri»* – e a vida em Salvaro pôde respirar aliviada. O P. Elias Comini persevera, enquanto isso, nas iniciativas de apostolado, auxiliado pelos outros sacerdotes e pelas irmãs.

No entanto, enquanto o padre Martinho aceita alguns convites para pregar em outros lugares e sobe para a montanha, onde seus cabelos claros lhe causam um grande problema com os partidários da resistência, suspeitando que ele seja alemão, o P. Elias permanece essencialmente fixo. Em 8 de setembro, escreve ao diretor salesiano da Casa de

Treviglio: *«Deixo você imaginar nosso estado de espírito nesses momentos. Passamos por dias muito sombrios e dramáticos. [...] Meu pensamento está sempre com você e com os queridos coirmãos daí. Sinto uma saudade vivíssima [...]»*.

Desde o dia 11, ele prega os Exercícios para as Irmãs sobre o tema dos Novíssimos, dos votos religiosos e da vida do Senhor Jesus.

Toda a população – declarou uma consagrada – amava o P. Elias, também porque ele não hesitava em se dedicar a todos, a todo momento; não pedia apenas às pessoas que rezassem, mas oferecia-lhes um exemplo válido com sua piedade e aquele pouco de apostolado que, dadas as circunstâncias, era possível exercer.

A experiência dos Exercícios imprime uma dinâmica diferente a toda a semana e envolve transversalmente consagrados e leigos. À noite, de fato, o P. Elias reúne 80-90 pessoas: tentava amenizar a tensão com um pouco de alegria, bons exemplos, caridade. Naqueles meses, tanto ele quanto o P. Martinho, como outros sacerdotes: primeiro entre todos, o P. João Fornasini, estavam na linha de frente em muitas obras de bem.

0 massacre de Monte Sole

A matança mais cruel e a maior realizada pelas SS nazistas na Europa, durante a guerra de 1939-45, foi aquela consumada em torno de Monte Sole, nos territórios de Marzabotto, Grizzana Morandi e Monzuno, embora seja comumente conhecida como o “massacre de Marzabotto”.

Entre 29 de setembro e 5 de outubro de 1944, os mortos foram 770, mas no total as vítimas de alemães e fascistas, da primavera de 1944 até a libertação, foram 955, distribuídas em 115 diferentes localidades dentro de um vasto território que inclui os municípios de Marzabotto, Grizzana e Monzuno e algumas porções dos territórios vizinhos. Desses, 216 eram crianças, 316 mulheres, 142 idosos, 138 as vítimas reconhecidas como partisanos, cinco sacerdotes, cuja culpa aos

olhos dos alemães consistia em terem estado próximos, com a oração e a ajuda material, a toda a população de Monte Sole nos trágicos meses de guerra e ocupação militar. Junto com o P. Elias Comini, Salesiano, e o padre Martinho Capelli, Dehoniano, naqueles dias trágicos também foram mortos três sacerdotes da Arquidiocese de Bolonha: o P. Ubaldo Marchioni, o P. Ferdinando Casagrande, o P. João Fornasini. De todos os cinco, está em andamento a Causa de Beatificação e Canonização. O P. João, o “Anjo de Marzabotto”, morreu em 13 de outubro de 1944. Tinha vinte e nove anos e seu corpo permaneceu não sepultado até 1945, quando foi encontrado gravemente mutilado; foi beatificado em 26 de setembro de 2021. O P. Ubaldo morreu em 29 de setembro, assassinado por uma metralhadora no altar de sua igreja em Casaglia; tinha 26 anos, havia sido ordenado sacerdote dois anos antes. Os soldados alemães o encontraram com a comunidade na oração do terço. Ele foi morto ali, aos pés do altar. Os outros – mais de 70 – no cemitério próximo. O P. Ferdinando foi morto, em 9 de outubro, com um tiro na nuca, junto com sua irmã Júlia; tinha 26 anos.

Da Wehrmacht às SS

Em 25 de setembro, a Wehrmacht deixa a área e cede o comando às SS do 16º Batalhão da 16ª Divisão Blindada “Reichsführer – SS”, uma Divisão que inclui elementos SS “Totenkopf – Cabeça de Morto” e era precedida por um rastro de sangue, tendo estado presente em Sant’Ana di Stazzema (Lucca) em 12 de agosto de 1944; em São Terêncio Monti (Massa-Carrara, na Lunigiana) em 17 daquele mês; em Vinca e arredores (Massa-Carrara, na Lunigiana, ao pé das Alpes Apuanos) de 24 a 27 de agosto.

Em 25 de setembro, as SS estabelecem o “Alto Comando” em Sibano. Em 26 de setembro, vão para Salvaro, onde também está o P. Elias: uma área fora da zona de imediata influência partisansa. A dureza dos comandantes em manifestar o mais total desprezo pela vida humana, o hábito de mentir sobre o destino dos civis e a estrutura paramilitar – que recorria

voluntariamente a técnicas de “terra queimada”, em desprezo a qualquer código de guerra ou legitimidade de ordens dadas de cima – tornava-os um esquadrão da morte que nada deixava intacto em seu caminho. Alguns haviam recebido uma formação de caráter explicitamente concentracionista e eliminacionista, destinada à: supressão da vida, com finalidades ideológicas; ódio contra aqueles que professavam a fé judaico-cristã; desprezo pelos pequenos, pelos pobres, pelos idosos e pelos fracos; perseguição de quem se opusesse às aberrações do nacional-socialismo. Havia um verdadeiro catecismo – anticristão e anticatólico – do qual os jovens das SS estavam impregnados.

“Quando se pensa que a juventude nazista era formada no desprezo pela personalidade humana dos judeus e das outras raças ‘não eleitas’, no culto fanático de uma suposta superioridade nacional absoluta, no mito da violência criadora e das ‘novas armas’ portadoras de justiça no mundo, compreende-se onde estavam as raízes das aberrações, tornadas mais fáceis pela atmosfera de guerra e pelo temor de uma derrota decepcionante”.

O P. Elias Comini – com o P. Capelli – corre para confortar, tranquilizar, exortar. Decide acolher na casa paroquial principalmente os sobreviventes das famílias em que os alemães haviam matado em retaliação. Ao fazer isso, ele retira os sobreviventes do perigo de encontrar a morte logo depois, mas, acima de tudo, os arranca – pelo menos na medida do possível – daquela espiral de solidão, desespero e perda da vontade de viver que poderia se traduzir até mesmo em desejo de morte. Ele também consegue falar com os alemães e, em pelo menos uma ocasião, fazer com que as SS desistam de seu propósito, fazendo-as passar adiante e podendo, assim, avisar os refugiados para saírem do esconderijo.

O Vice-Postulador, P. Rino Germani, sdb, escrevia: *“Chega o P. Elias. Ele os tranquiliza. Diz-lhes para saírem, porque os alemães foram embora. Fala com os alemães e os faz passar adiante”.*

Também é morto Paulo Calanchi, um homem cuja

consciência nada lhe reprova e que comete o erro de não fugir. Será ainda o P. Elias a correr, antes que as chamas consumam seu corpo, tentando ao menos honrar seus restos mortais, não tendo chegado a tempo para salvar sua vida: *“O corpo de Paulinho é salvo das chamas justamente pelo P. Elias que, arriscando sua vida, o recolhe e transporta com um carrinho até a Igreja de Salvaro”*.

A filha de Paulo Calanchi testemunhou: *“Meu pai era um homem bom e honesto [“em tempos de racionamento e de fome, dava pão a quem não tinha”] e havia recusado fugir, sentindo-se tranquilo em relação a todos. Foi morto pelos alemães, fuzilado, em retaliação; mais tarde, a casa também foi incendiada, mas o corpo de meu pai havia sido salvo das chamas justamente pelo P. Comini, que, arriscando sua própria vida, o havia recolhido e transportado com um carrinho até a Igreja de Salvaro, onde, em um caixão que ele mesmo construiu, reaproveitando tábuas, foi sepultado no cemitério. Assim, graças à coragem do P. Comini e, muito provavelmente, também do Padre Martinho, terminada a guerra, eu e minha mãe pudemos encontrar e fazer transportar o caixão de nosso querido para o cemitério de Vergato, junto ao de meu irmão João Luís, que morreu 40 dias depois ao atravessar a linha de frente”*.

Uma vez, o P. Elias havia dito sobre a Wehrmacht: *“Devemos amar também esses alemães que vêm nos perturbar”*. *“Amava a todos sem preferência”*. O ministério do P. Elias foi muito precioso para Salvaro e para muitos deslocados, naqueles dias. Testemunhas declararam: *“O P. Elias foi nossa sorte porque tínhamos o Pároco muito idoso e fraco. Toda a população sabia que o P. Elias tinha esse interesse por nós; o P. Elias ajudou a todos. Pode-se dizer que todos os dias o víamos. Ele celebrava a Missa, mas depois estava frequentemente no adro da igreja observando: os alemães estavam lá embaixo, em direção ao Reno; os partisanos vinham da montanha, em direção a Creda. Uma vez, por exemplo, (alguns dias antes do dia 26) vieram os partisanos. Nós saímos da igreja de Salvaro e havia os partisanos lá, todos armados; e o P. Elias pedia tanto que eles fossem embora, para evitar problemas. Eles o ouviram e*

foram embora. Provavelmente, se não fosse por ele, o que aconteceu depois teria ocorrido muito antes". "Pelo que sei, o P. Elias era a alma da situação, pois com sua personalidade sabia controlar muitas coisas que, naqueles momentos dramáticos, eram de importância vital".

Embora fosse um sacerdote jovem, o P. Elias Comini era confiável. Essa sua confiabilidade, unida a uma profunda retidão, o acompanhava um pouco desde sempre, até mesmo desde que era coroinha, como resulta de um testemunho: ***"Tive-o por quatro anos em Rota, de 1931 a 1935, e, embora ainda coroinha, ele me deu uma ajuda que dificilmente teria encontrado em outro coirmão, mesmo mais velho".***

0 tríduo da paixão

No entanto a situação se agrava após poucos dias, na manhã de 29 de setembro, quando as SS cometem um terrível massacre na localidade de "Creda". O sinal para o início do massacre são um foguete branco e um vermelho no ar: começam a atirar, as metralhadoras atingem as vítimas, posicionadas contra um pórtico e praticamente sem saída. Em seguida, são lançadas granadas, algumas incendiárias, e o estábulo – onde alguns conseguiram encontrar abrigo – pega fogo. Poucos homens, aproveitando um momento de distração das SS naquele inferno, se precipitam em direção à floresta. Atílio Comastri, ferido, se salva porque o corpo sem vida da esposa Inês Gandolfi lhe serviu de escudo: vagará por dias, em estado de choque, até conseguir passar a linha de frente e salvar a vida; havia perdido, além da esposa, a irmã Marcelina e a filha Bianca, de apenas dois anos. Carlos Cardi também consegue se salvar, mas sua família é exterminada: Walter Cardi tinha apenas 14 dias, foi a menor vítima do massacre de Monte Sole. Mário Lippi, um dos sobreviventes, atesta: *"Não sei eu mesmo como me salvei milagrosamente, dado que de 82 pessoas reunidas sob o pórtico, 70 foram mortas [69, segundo a declaração oficial]. Lembro que, além do fogo das metralhadoras, os alemães também lançaram sobre nós granadas e acredito que alguns fragmentos dessas me feriram levemente no*

lado direito, nas costas e no braço direito. Eu, junto com outras sete pessoas, aproveitando que em [um] lado do pórtico havia uma portinha que levava para a rua, corri em direção à floresta. Os alemães, ao nos ver fugindo, atiraram atrás de nós, matando um de nós [chamado] Emílio Gandolfi. Preciso dizer que entre as 82 pessoas reunidas sob o mencionado pórtico havia também cerca de vinte crianças, das quais duas de colo, nos braços de suas respectivas mães, e cerca de vinte mulheres".

Em Creda, são 21 as crianças com menos de 11 anos, algumas muito pequenas; 24 mulheres (das quais uma adolescente); quase 20 os "idosos". Entre as famílias mais atingidas estão os Cardi (7 pessoas), os Gandolfi (9 pessoas), os Lolli (5 pessoas), os Macchelli (6 pessoas).

Da casa paroquial de D. Mellini, olhando para cima, em certo momento se vê a fumaça: mas é de manhã cedo, Creda permanece oculta à vista e a floresta atenua os ruídos. Na paróquia, naquele dia – 29 de setembro, festa dos Santos Arcanjos – celebram-se três Missas, de manhã cedo, em imediata sucessão: a de D. Mellini; a de P. Capelli que depois vai levar a Unção dos Enfermos na localidade de "Casellina"; a do P. Comini. E é então que o drama bate à porta: "*Ferdinando Castori, que também escapou do massacre, chegou à igreja de Salvaro ensanguentado como um açougueiro e foi se esconder dentro da cúspide do Campanário*". Por volta das 8 horas, chega à casa paroquial um homem transtornado: parecia "*um monstro pelo aspecto aterrorizante*", diz a Irmã Alberta Taccini. Pede ajuda para os feridos. Cerca de setenta pessoas estão mortas ou morrendo entre terríveis suplícios. O P. Elias, em poucos instantes, tem a lucidez de esconder 60/70 homens na sacristia, empurrando contra a porta um velho armário que deixava a entrada visível por baixo, mas era, no entanto, a única esperança de salvação: "*Foi então que o P. Elias, pessoalmente, teve a ideia de esconder os homens ao lado da sacristia, colocando depois um armário na frente da porta (ele foi ajudado por uma ou duas pessoas que estavam na casa do Bispo)*". A ideia foi do P. Elias; mas todos eram contrários ao

fato de que fosse ele mesmo a realizar aquele trabalho... Ele mesmo quis assim. Os outros diziam: «E se depois nos descobrem?»”.

Outra versão: “O P. Elias conseguiu esconder em um local adjacente à sacristia cerca de sessenta homens e empurrou um velho armário contra a porta. Enquanto isso, o crepitar das metralhadoras e os gritos desesperados das pessoas chegavam das casas vizinhas. O P. Elias teve a força de iniciar o Santo Sacrifício da Missa, a última de sua vida. Não havia terminado ainda, quando chegou aterrorizado e ofegante um jovem da localidade de “Creda” pedindo socorro porque as SS haviam cercado uma casa e prendido sessenta e nove pessoas, homens, mulheres, crianças”.

“Ainda com os paramentos sagrados, **prostrado ao altar, imerso em oração**, invoca para todos a ajuda do Sagrado Coração, a intercessão de Maria Auxiliadora, de São João Bosco e de São Miguel Arcanjo. Depois, com um breve exame de consciência, recitando três vezes o ato de contrição, faz uma preparação para a morte. Recomenda à assistência das irmãs todas aquelas pessoas e à Superiora que conduza fortemente a oração para que os fiéis possam encontrar nela o conforto de que precisam”.

A propósito do P. Elias e do padre Martinho, que chegou um pouco depois, «constatam-se algumas dimensões de uma vida sacerdotal doada conscientemente pelos outros até o último instante: a morte deles foi um prolongar o dom da vida na Missa celebrada até o último dia». A escolha deles tinha «raízes longínquas, na decisão de fazer o bem, mesmo que fosse na última hora, dispostos até ao martírio»: «muitas pessoas vieram buscar ajuda na paróquia e, sem o conhecimento do pároco, o P. Elias e o P. Martinho tentaram esconder o maior número possível de pessoas; depois de se certificarem de que estavam de alguma forma assistidas, correram para o local dos massacres para poder ajudar também os mais desafortunados; o próprio D. Mellini não se deu conta disso e continuava a procurar os dois padres para se fazer ajudar a receber toda aquela gente» («Temos a certeza de que nenhum deles era

partisano ou tinha estado com os partisanos»).

Naqueles momentos, o P. Elias atesta grande lucidez que se traduz tanto em espírito organizativo, quanto na consciência de colocar em risco a própria vida: «À luz de tudo isso, e o P. Elia sabia bem, não podemos, portanto, buscar aquela caridade que induz à tentativa de ajudar os outros, mas sim àquele tipo de caridade (que foi a mesma de Cristo) que induz a **participar até o fundo do sofrimento alheio**, não temendo nem mesmo a morte como sua última manifestação. O fato de que a sua foi uma **escolha lúcida e bem pensada**, também é demonstrado pelo espírito organizativo que manifestou até poucos minutos antes da morte, ao tentar com prontidão e inteligência ocultar o maior número possível de pessoas nos locais escondidos da casa paroquial; em seguida a notícia de Creda e, após, a caridade fraterna, a caridade heroica».

Uma coisa é certa: se o P. Elias tivesse se escondido com todos os outros homens ou mesmo apenas tivesse permanecido ao lado de D. Mellini, não teria nada a temer. Em vez disso, o P. Elias e o P. Martinho pegam a estola, os óleos santos e uma teca com algumas Partículas consagradas «partiram, portanto, para a montanha, armados da estola e do óleo dos enfermos»: «Quando o P. Elias voltou depois de ter ido se encontrar com o Bispo, **pegou a âmbula com as Hóstias** e o Óleo Santo e se virou para nós: ainda aquele rosto! estava tão pálido, que parecia alguém já morto. E disse: “Orem, orem por mim, porque tenho uma missão a cumprir”». «Orem por mim, não me deixem sozinho!». «Nós somos sacerdotes e devemos ir e temos que cumprir o nosso dever». «**Vamos levar o Senhor aos nossos irmãos**».

Lá em cima, em Creda há muita gente que está morrendo entre suplícios: devem acorrer, abençoar e – se possível – tentar interpor-se em relação às SS.

A senhora Massimina [Zappoli], posteriormente também testemunha na investigação militar de Bolonha, lembra: «Apesar das orações de todos nós, eles celebraram rapidamente a Eucaristia e, impulsionados apenas pela esperança de poder

fazer algo pelas vítimas de tanta ferocidade, ao menos com um conforto espiritual, **pegaram o Santíssimo Sacramento e correram em direção a Creda**. Lembro que enquanto o P. Elias, já correndo, passou ao meu lado na cozinha, **eu me agarrei a ele numa última tentativa de dissuadi-lo**, dizendo que nós ficaríamos à mercê de nós mesmos; ele deu a entender que, por mais grave que fosse nossa situação, havia quem estivesse pior do que nós e era a esses que eles deveriam ir».

Ele está irredutível e se recusa, como depois sugeriu D. Mellini, a adiar a subida a Creda quando os alemães tivessem ido embora: «Foi [portanto] uma paixão, antes de ser cruenta, [...] do coração, a paixão do espírito. Naqueles tempos estávamos aterrorizados por tudo e por todos: não se tinha mais confiança em ninguém: qualquer um poderia ser um inimigo determinante para a própria vida. Quando os dois Sacerdotes perceberam que alguém realmente precisava deles, não hesitaram para decidir o que fazer [...] e, sobretudo, **não recorreram àquela que era a decisão imediata para todos, ou seja, encontrar um esconderijo, tentar se proteger e ficar fora da confusão**. Os dois Sacerdotes, em vez disso, decidiram **ser verdadeiramente sacerdotes**: ou seja, assistir e confortar; para prestar também o serviço dos Sacramentos, portanto da oração, do conforto que a fé e a religião oferecem».

Uma pessoa disse: «Para nós, o P. Elias já era santo. Se ele fosse uma pessoa normal [...] não teria se arriscado; **ele também se teria escondido, atrás do armário, como todos os outros**».

Com os homens escondidos, são as mulheres que tentam reter os sacerdotes, em uma tentativa extrema de salvar suas vidas. A cena é ao mesmo tempo agitada e bastante eloquente: «Lídia Macchi [...] e outras mulheres tentaram impedi-los de partir, tentaram segurá-los pela batina, correram atrás deles, os chamaram em voz alta para que voltassem: impulsionados por uma força interior que é ardor de caridade e solicitude missionária, eles estavam já decididamente caminhando em direção a Creda, levando os confortos religiosos».

Uma delas lembra: «*Eu os abracei, os segurava firmes pelos braços, dizendo e suplicando: – Não vão! – Não vão!*».

E Lídia Marchi acrescenta: «*Eu puxava Padre Martinho pela batina e o segurava [...] mas os dois sacerdotes repetiam: – Precisamos ir; o Senhor nos chama*».

«*Precisamos cumprir nosso dever. E [o P. Elias e padre Martinho,] como Jesus, foram ao encontro de um destino marcado*».

«*A decisão de ir a Creda foi opção dos dois sacerdotes por **puro espírito pastoral; apesar de todos tentarem dissuadi-los**, eles quiseram ir, impulsionados pela esperança de poder salvar algum daqueles que estavam à mercê da fúria dos soldados*».

É quase certo que nunca chegaram a Creda. Capturados, segundo uma testemunha, perto de uma “pilarzinho”, logo fora do campo de visão da paróquia, o P. Elias e o P. Martinho foram vistos mais tarde carregados de munições, à frente de rastreados, ou ainda sozinhos, amarrados, com correntes, perto de uma árvore enquanto não havia nenhuma batalha em curso e as SS comiam. O P. Elias intimou uma mulher a fugir, a não parar para evitar ser morta: «*Ana, por caridade, fuja, fuja*».

«*Estavam carregados e curvados sob o peso de tantas caixinhas pesadas que das costas envolviam o corpo na frente e atrás. Com as costas faziam uma curva que os levava quase com o nariz ao chão*».

«*Sentados no chão [...] muito suados e cansados, com as munições nas costas*».

«*Aprisionados, são forçados a carregar munições para cima e para baixo pela montanha, testemunhas de violências inauditas*».

«*[As SS os obrigam a] descer e subir várias vezes pela montanha, sob sua escolta, e realizando ainda, sob os olhos das duas vítimas, as mais horripilantes violências*».

Onde estão, agora, a estola, os óleos santos e sobretudo o Santíssimo Sacramento? Não há mais nenhum

vestígio. Longe de olhos indiscretos, as SS espoliaram à força os sacerdotes, livrando-se daquele Tesouro do qual nada mais seria encontrado.

Perto da noite de 29 de setembro de 1944, foram levados com muitos outros homens (forçados e não por represália ou não porque eram pró-partisanos, como as fontes demonstram), para a casa “dos “Birociai” [Carroceiros]” em Pioppe di Salvaro. Mais tarde, eles, divididos em grupos, terão sortes muito diferentes: poucos serão libertados, após uma série de interrogatórios. A maioria, avaliados como aptos para o trabalho, será enviada para campos de trabalho forçado e poderá – posteriormente – retornar às suas famílias. Os avaliados como incapazes, por mero critério etário (cf. campos de concentração) ou de saúde (jovem, mas ferido ou que simula estar doente na esperança de se salvar) serão mortos na noite de 1º de outubro na “Botte [Reservatório de água]” da Canapiera [fábrica de cânhamo] de Pioppe di Salvaro, já em ruínas porque bombardeada pelos Aliados dias antes.

O P. Elias e o P. Martinho – que foram interrogados – puderam se mover por toda a casa e receber visitas. O P. Elias intercedeu por todos e um jovem, muito sofrido, adormeceu em seus joelhos: em um deles, o P. Elias recebeu o Breviário, a ele tão caro e que quis manter consigo até os últimos instantes. Hoje, a minuciosa pesquisa histórica através das fontes documentais, apoiada pela mais recente historiografia científica, demonstrou como nunca havia sido bem-sucedido um intento, realizado pelo Cavaleiro Emílio Veggetti, de libertar o P. Elias, e como nem o P. Elias nem o P. Martinho nunca foram realmente considerados ou pelo menos tratados como “espiões”.

O holocausto

Finalmente, foram inseridos, embora jovens (34 e 32 anos), no grupo dos incapazes e com eles executados. Viveram aqueles últimos instantes orando, fazendo orar, absolvendo-se mutuamente e dando todo o possível conforto da fé. O P. Elias conseguiu transformar a macabra procissão dos

condenados até uma passarela em frente ao reservatório da “canapiera”, onde serão mortos, em um ato coral de entrega, segurando até onde pôde o Breviário aberto na mão (depois, lê-se, um alemão golpeou violentamente suas mãos e o Breviário caiu no reservatório) e, sobretudo, entoando as Ladainhas. Quando começaram a atirar, o P. Elias Comini salvou um homem porque o protegia com seu corpo e gritou «Piedade». O P. Martinho invocou, por sua vez, “Perdão”, erguendo-se com dificuldade no reservatório, entre os companheiros mortos ou moribundos, e traçando o sinal da Cruz poucos instantes antes de morrer ele mesmo, devido a uma enorme ferida. As SS quiseram se certificar de que ninguém sobrevivesse lançando algumas granadas. Nos dias seguintes, diante da impossibilidade de recuperar os corpos imersos em água e lama devido a chuvas abundantes (as mulheres tentaram, mas nem mesmo o P. Fornasini conseguiu), um homem abriu as comportas e a impetuosa corrente do rio Reno levou tudo. Nada mais foi encontrado deles: *consummatum est!*

Tinha-se delineado seu estar dispostos *«também ao martírio, mesmo que aos olhos dos homens pareça estulto recusar a própria salvação para dar um mísero alívio a quem já estava destinado à morte»*. Dom Benito Cocchi em setembro de 1977 em Salvaro disse: *«Pois bem aqui diante do Senhor, dizemos que nossa preferência vai a esses gestos, a essas pessoas, àqueles que **pagam com a própria vida**: a quem num momento em que valiam apenas as armas, a força e a violência, quando uma casa, a vida de uma criança, uma família inteira eram avaliadas como nada, soube realizar gestos que não têm voz nos balanços de guerra, mas que são verdadeiros tesouros de humanidade, resistência e alternativa à violência; a quem assim colocava **raízes para uma sociedade e uma convivência mais humana**»*.

Nesse sentido, *«O martírio dos sacerdotes constitui o fruto de sua escolha consciente de compartilhar a sorte do rebanho até o sacrifício extremo, quando os esforços de mediação entre a população e os ocupantes, há muito perseguidos, perdem toda possibilidade de sucesso»*.

O P. Elias Comini havia estado lúcido sobre seu destino, dizendo – já nas primeiras fases de detenção –: «*Para fazer o bem nos encontramos em muitos sofrimentos*»; «*Era o P. Elias que, apontando para o céu, saudava com os olhos lacrimejantes*». «*Elias se aproximou e me disse: “Vá a Bolonha, ao Cardeal, e diga a ele onde estamos”. Eu respondi: “Como posso ir a Bolonha?”. [...] Enquanto isso, os soldados me empurravam com o cano do fuzil. O P. Elias me saudou dizendo: “Nos veremos no paraíso!”. Eu gritei: “Não, não, não diga isso”. Ele respondeu, triste e resignado: “Nos veremos no Paraíso”*».

Com dom Bosco...: «*Eu [os] espero a todos no Paraíso*»!

Era a noite de 1º de outubro, início do mês dedicado ao Rosário e às Missões.

Nos anos de sua primeira juventude, Elias Comini havia dito a Deus: «*Senhor, **prepara-me para ser o menos indigno para ser vítima aceitável***» (“Diário” 1929); «*Senhor, [...] **recebe-me também como vítima expiatória***» (1929); «*eu gostaria de ser uma vítima de holocausto*» (1931). «*[A Jesus] pedi a morte em vez de falhar na vocação sacerdotal e **no amor heroico pelas almas***» (1935).

Vera Grita, peregrina de esperança

Vera Grita, filha de Hamlet e de Maria Anna Zacco da Pirrera, nasceu em Roma no dia 28 de janeiro de 1923; era a segunda de quatro irmãs. Viveu e estudou em Savona, onde obteve a habilitação para o magistério. Aos 21 anos, durante uma repentina incursão aérea sobre a cidade (1944), foi atropelada e pisoteada pela multidão em fuga, sofrendo graves

consequências para seu corpo, que a partir de então ficou marcado para sempre pelo sofrimento. Passou despercebida em sua breve vida terrena, ensinando nas escolas do interior da Ligúria (Rialto, Erli, Alpicella, Deserto de Varazze), onde conquistou a estima e o afeto de todos por seu caráter bondoso e manso.

Em Savona, na paróquia salesiana de Maria Auxiliadora, participava da Missa e era assídua ao sacramento da Penitência. Desde 1963, seu confessor era o salesiano P. João Bocchi. Salesiana Cooperadora desde 1967, realizou sua vocação no dom total de si ao Senhor, que de maneira extraordinária se doava a ela, no íntimo de seu coração, com a “Voz”, com a “Palavra”, para comunicar-lhe a Obra dos Tabernáculos Vivos. Submeteu todos os escritos ao diretor espiritual, o salesiano P. Gabriel Zucconi, e guardou no silêncio de seu coração o segredo daquela vocação, guiada pelo divino Mestre e pela Virgem Maria que a acompanharam ao longo do caminho da vida oculta, do despojamento e do aniquilamento de si.

Sob o impulso da graça divina e acolhendo a mediação dos guias espirituais, Vera Grita respondeu ao dom de Deus, testemunhando em sua vida, marcada pelo sofrimento da doença, o encontro com o Ressuscitado e dedicando-se com heroica generosidade ao ensino e à educação dos alunos, suprimindo as necessidades da família e testemunhando uma vida de pobreza evangélica. Centrada e firme no Deus que ama e sustenta, com grande firmeza interior, foi capaz de suportar as provas e os sofrimentos da vida. Com base nessa solidez interior, deu testemunho de uma existência cristã feita de paciência e constância no bem.

Morreu no dia 22 de dezembro de 1969, aos 46 anos, em um quartinho do hospital em Pietra Ligure, onde havia passado os últimos seis meses de vida em um crescendo de sofrimentos aceitos e vividos em união com Jesus Crucificado. “A alma de Vera – escreveu o P. Borra, Salesiano, seu primeiro biógrafo – com as mensagens e as cartas entra na fileira daquelas almas carismáticas chamadas a enriquecer a Igreja com

chamas de amor a Deus e a Jesus Eucarístico para a dilatação do Reino”.

Uma vida privada das esperanças humanas

Humanamente, a vida de Vera é marcada desde a infância pela perda de um horizonte de esperança. A perda da autonomia econômica em seu núcleo familiar, portanto, o afastamento dos pais para ir a Módica, na Sicília, com as tias e, sobretudo, a morte do pai em 1943, colocam Vera diante das consequências de eventos humanos particularmente sofridos. Após o dia 4 de julho de 1944, dia do bombardeio sobre Savona que marcará toda a vida de Vera, suas condições de saúde também estarão comprometidas para sempre. Por isso, a Serva de Deus se viu jovem sem qualquer perspectiva de futuro e teve que, em várias ocasiões, rever seus projetos e renunciar a muitos desejos: dos estudos universitários ao ensino e, sobretudo, a uma própria família com o jovem com quem estava namorando. Apesar do fim repentino de todas as suas esperanças humanas entre 20 e 21 anos, a esperança está muito presente em Vera: tanto como uma virtude humana que acredita em uma mudança possível e se empenha para realizá-la (mesmo muito doente, preparou e venceu o concurso para lecionar), quanto, sobretudo, como uma virtude teologal – ancorada na fé – que lhe infunde energia e se torna um instrumento de consolação para os outros.

Quase todas as testemunhas que a conheceram ressaltam tal aparente contradição entre condições de saúde comprometidas e a capacidade de nunca se queixar, atestando, em vez disso, alegria, esperança e coragem mesmo em circunstâncias humanamente desesperadoras. Vera se tornou “portadora de alegria”.

Uma sobrinha afirma: «Ela estava sempre doente e sofrendo, mas nunca a vi desanimada ou enraivecida por sua condição; sempre tinha uma luz de esperança sustentada pela grande fé. [...] Minha tia estava frequentemente internada no hospital, sofredora e frágil, mas sempre serena e cheia de esperança pelo grande Amor que tinha por Jesus».

Também a irmã Liliana tirou, dos telefonemas vespertinos com ela, encorajamento, serenidade e esperança, embora a Serva de Deus estivesse então sobrecarregada por numerosos problemas de saúde e por vínculos profissionais: «ela me infundia – diz – confiança e esperança, fazendo-me refletir que Deus está sempre perto de nós e nos conduz. Suas palavras me traziam de volta aos braços do Senhor e eu encontrava a paz».

Inês Zannino Tibirosa, cujo testemunho é de particular valor pois visitou assiduamente Vera no hospital “Santa Corona” em seu último ano de vida, atesta: «apesar das graves dores que a doença lhe causava, nunca a ouvi reclamar de seu estado. Ela aliviava e dava esperança a todos que se aproximavam e, quando falava de seu futuro, o fazia com entusiasmo e coragem».

Até o final, Vera Grita se manteve assim: mesmo na última parte de seu caminho terreno, guardou um olhar para o futuro, esperava que com os tratamentos o tuberculoma pudesse ser reabsorvido, esperava poder ocupar a cátedra nos Piani di Invrea no ano letivo de 1969-1970, assim como se dedicar à sua missão espiritual, logo que saísse do hospital.

Educada na esperança e no caminho espiritual pelo confessor

Nesse sentido, a esperança atestada por Vera está enraizada em Deus e naquela leitura sapiencial dos eventos que seu guia espiritual, o P. Gabriel Zucconi, e, antes dele, o confessor, P. João Bocchi, lhe ensinaram. Precisamente o ministério do P. Bocchi – homem de alegria e esperança – exerceu uma influência positiva sobre Vera, que ele acolheu em sua condição de doente e a quem ensinou a dar valor aos sofrimentos – não buscados – dos quais estava sobrecarregada. Antes de tudo, o P. Bocchi foi mestre de esperança; dele se disse: «com palavras sempre cordiais e cheias de esperança, ele abriu os corações à magnanimidade, ao perdão, à transparência nas relações interpessoais; viveu as bem-aventuranças com naturalidade e fidelidade diária».

«Esperando e tendo a certeza de que, como aconteceu com

Cristo, também acontecerá conosco: a Ressurreição gloriosa», o P. Bocchi realizava, através de seu ministério, um anúncio da esperança cristã, fundamentada na onipotência de Deus e na ressurreição de Cristo. Mais tarde, da África, para onde partiu como missionário, dirá: «estava lá porque queria levar e doar a eles Jesus Vivo e presente na Santíssima Eucaristia com todos os dons de Seu Coração: a Paz, a Misericórdia, a Alegria, o Amor, a Luz, a União, a Esperança, a Verdade, a Vida eterna».

Vera se tornou portadora de esperança e de alegria também em ambientes marcados pelo sofrimento físico e moral, por limitações cognitivas (como entre seus pequenos alunos com deficiência auditiva) ou condições familiares e sociais não ideais (como no “clima escaldante” de Erli).

A amiga Maria Mattalia recorda: «Vejo o doce sorriso de Vera, às vezes cansado por tanto lutar e sofrer; lembrando sua força de vontade, busco seguir seu exemplo de bondade, de grande fé, esperança e amor [...]».

Antonietta Fazio – ex-zeladora da escola de Casanova – testemunhou sobre ela: «era muito querida por seus alunos, que amava muito, e em particular por aqueles com dificuldades intelectuais [...]. Muito religiosa, transmitia a cada um fé e esperança, embora ela mesma estivesse sofrendo muito fisicamente, mas não abatida moralmente».

Nesses contextos, Vera trabalhava para fazer renascer as razões da esperança. Por exemplo, no hospital (onde a comida é pouco satisfatória) ela se privou de um cacho especial de uvas para deixar uma parte no criado-mudo de todas as doentes do quarto, assim como sempre cuidou de sua aparência para se apresentar bem, em ordem, com compostura e refinamento, contribuindo assim para combater o ambiente de sofrimento de uma clínica, e às vezes a perda da esperança em muitos doentes que correm o risco de “se deixar levar”.

Através das **Mensagens da Obra dos Tabernáculos Vivos**, o Senhor a educou a uma postura de espera, paciência e confiança nele. Incontáveis são, de fato, as exortações sobre *esperar o Esposo ou o Esposo que espera sua esposa*:

“Espere em seu Jesus sempre, sempre.

Que Ele venha às nossas almas, venha às nossas casas; venha conosco para compartilhar alegrias e tristezas, cansaços e esperanças.

Deixe meu Amor agir e aumente sua fé, sua esperança.

Siga-me na escuridão, nas sombras porque você conhece o «caminho».

Espere em Mim, espere em Jesus!

Após o caminho da esperança e da espera, haverá a vitória.

Para chamá-los às coisas do Céu”.

Portadora de esperança ao morrer e ao interceder

Mesmo na doença e na morte, Vera Grita testemunhou a esperança cristã.

Sabia que, quando sua missão estivesse cumprida, também a vida na terra teria terminado. «Esta é a sua tarefa e quando estiver terminada você se despedirá da terra para os Céus»: por isso não se sentia “proprietária” do tempo, mas buscava a obediência à vontade de Deus.

Nos últimos meses, apesar de uma condição agravante e exposta a um piora do quadro clínico, a Serva de Deus atestou serenidade, paz, percepção interior de um “cumprimento” de sua vida.

Nos últimos dias, embora estivesse naturalmente apegada à vida, o P. José Formento a descreveu «já em paz com o Senhor». Nesse espírito, pôde receber a Comunhão até poucos dias antes de morrer, e receber a Unção dos Enfermos no dia 18 de dezembro.

Quando a irmã Pina a visitou pouco antes da morte – Vera estava há cerca de três dias em coma – desobedecendo ao seu habitual recato, disse-lhe que havia visto muitas coisas, coisas belíssimas que, infelizmente, não tinha tempo de contar. Soube das orações do Padre Pio e do Papa Bom por ela,

além de acrescentar – referindo-se à Vida eterna – «Todos vocês virão para o paraíso comigo, tenham certeza disso».

Liliana Grita também testemunhou como, no último período, Vera «sabia mais do Céu do que da terra». Da sua vida foi feito o seguinte balanço: «ela, tão sofredora, consolava os outros, infundindo-lhes esperança e não hesitava em ajudá-los».

Muitas graças atribuídas à mediação intercessora de Vera dizem respeito, por fim, à esperança cristã. Vera – mesmo durante a Pandemia de Covid 19 – ajudou muitos a reencontrar as razões da esperança e foi para eles proteção, irmã no espírito, ajuda no sacerdócio. Ajudou interiormente um sacerdote que, após um AVC, havia esquecido as orações, não conseguindo mais pronunciá-las com sua extrema dor e desorientação. Fez com que muitos voltassem a rezar, pedindo a cura de um jovem pai atingido por uma hemorragia.

Também a **Irmã Maria Hilária Bossi**, Mestra das Noviças das Beneditinas do Santíssimo Sacramento de Ghiffa, observa como Vera – irmã no espírito – é uma alma que direciona ao Céu e acompanha em direção ao Céu: «Sinto-a irmã no caminho para o céu... Muitos [...] que se reconhecem nela, e a ela se referem, no caminho evangélico, na corrida em direção ao céu».

Em síntese, compreende-se como toda a história de Vera Grita foi sustentada não por esperanças humanas, pelo mero olhar para o “amanhã”, esperando que fosse melhor que o presente, mas por uma verdadeira Esperança teológica: «ela era serena porque a fé e a esperança sempre a sustentaram. Cristo estava no centro de sua vida, dele ela tirava a força. [...] era uma pessoa serena porque tinha no coração a Esperança teológica, não a esperança superficial [...], mas aquela que deriva somente de Deus, que é dom e nos prepara para o encontro com Ele».

Numa oração a Maria da Obra dos Tabernáculos Vivos, lê-se: «Levante-nos [Maria] da terra para que aqui vivamos e sejamos para o Céu, para o Reino do seu Filho».

É bonito também lembrar que o **P. Gabriel** teve que peregrinar na esperança entre tantas provas e dificuldades, como escreve em uma carta a Vera de 4 de março de 1968 de Florença: «No entanto, devemos sempre esperar. A presença das dificuldades não impede que, no final, o bem, o bom, o belo triunfem. A paz, a ordem, a alegria retornarão. O homem filho de Deus recuperará toda a glória que teve desde o princípio. O homem será salvo em Jesus e encontrará em Deus todo o bem. Então, vêm à mente todas as coisas belas prometidas por Jesus e a alma nele encontra sua paz. Coragem: agora estamos como em combate. Virá o dia da vitória. Essa é a certeza em Deus».

Na igreja de *Santa Corona* em Pietra Ligure, Vera Grita participava da Missa e ia rezar durante os longos internamentos. Seu testemunho de fé na presença viva de Jesus Eucarístico e da Virgem Maria em sua breve vida terrena é um sinal de esperança e de conforto, para aqueles que neste lugar de cura pedirem sua ajuda e sua intercessão junto ao Senhor para serem aliviados e libertados do sofrimento.

O caminho de Vera Grita na cansativa labuta dos dias também oferece uma nova perspectiva leiga à santidade, tornando-se exemplo de conversão, aceitação e santificação para os 'pobres', os 'frágeis', os 'doentes' que nela podem se reconhecer e reencontrar esperança.

Escreve São Paulo, «que os sofrimentos do momento presente não são comparáveis à glória futura que deverá ser revelada em nós». Com «impaciência» esperamos contemplar o rosto de Deus, pois «na esperança fomos salvos» (Rom 8,18.24). Portanto, é absolutamente necessário esperar contra toda esperança, «*Spes contra spem*». Porque, como escreveu Carlos Péguy, a Esperança é uma criança «irredutível». Em relação à Fé que «é uma esposa fiel» e à Caridade que «é uma Mãe», a Esperança parece, à primeira vista, não valer nada. E, no entanto, é exatamente o contrário: será a Esperança, escreve Péguy, «que veio ao mundo no dia de Natal» e que «trazendo as outras, atravessará os mundos».

«Escreva, Vera de Jesus, eu te darei luz. A árvore florida na primavera deu seus frutos. Muitas árvores deverão

florescer novamente na estação oportuna para que os frutos sejam abundantes... Peço que aceite com fé cada prova, cada dor por Mim. Você verá os frutos, os primeiros frutos da nova floração». (Santa Corona – 26 de outubro de 1969 – Festa de Cristo Rei – Penúltima mensagem).

Perfis de famílias feridas na história da santidade salesiana

1. Histórias de famílias feridas

Estamos acostumados a imaginar a família como uma realidade harmoniosa, caracterizada pela presença de várias gerações e pelo papel orientador dos pais que estabelecem normas, e dos filhos que, ao aprendê-las, são guiados por eles na experiência da realidade. No entanto, muitas vezes as famílias se veem atravessadas por dramas e incompreensões, ou marcadas por feridas que atacam sua configuração ideal e devolvem uma imagem distorcida, falsificada e enganosa.

Também a história da santidade salesiana é marcada por histórias de famílias feridas: famílias onde falta pelo menos uma das figuras parentais, ou onde a presença da mãe e do pai se torna, por razões diversas (físicas, psíquicas, morais e espirituais), prejudicial para seus filhos, que hoje estão a caminho das honras dos altares. O próprio Dom Bosco, que experimentou a morte prematura do pai e o afastamento da família pela prudente vontade de Mamãe Margarida, deseja – não é por acaso – que a obra salesiana seja particularmente dedicada à “juventude pobre e abandonada” e não hesita em alcançar os jovens que se formaram em seu oratório com uma intensa pastoral vocacional (demonstrando que nenhuma ferida

do passado é um obstáculo a uma vida humana e cristã plena). É, portanto, natural que a própria santidade salesiana, que se alimenta das existências de muitos jovens de Dom Bosco que depois foram consagrados por meio dele à causa do Evangelho, traga em si – como consequência lógica – traços de famílias feridas.

Desses meninos e meninas que cresceram em contato com as obras salesianas, queremos apresentar três, cujas histórias se entrelaçam na biografia de Dom Bosco. Os protagonistas são:

– A bem-aventurada Laura Vicuña, nascida no Chile em 1891, órfã de pai e cuja mãe inicia na Argentina uma convivência com o rico proprietário Manuel Mora; Laura, portanto, ferida pela situação de irregularidade moral da mãe, está pronta para oferecer a vida por ela;

– O servo de Deus Carlos Braga, de Valtellina nascido em 1889, abandonado ainda pequeno pelo pai e cuja mãe é afastada ao ser considerada psicologicamente instável, por uma mistura de ignorância e maledicência; Carlos, portanto, que enfrenta grandes humilhações e verá sua vocação salesiana colocada em dificuldade por aqueles que temem nele um comprometedor reaparecimento da deficiência psíquica falsamente atribuído à mãe;

– Finalmente, a serva de Deus Ana Maria Lozano, que nasceu em 1883 na Colômbia, segue o pai com sua família no lazareto, onde é forçada a se transferir após o aparecimento da terrível lepra, será obstaculizada em sua vocação religiosa, mas poderá finalmente realizá-la graças ao encontro providencial com o salesiano Luís Variara, beato.

2. Dom Bosco e a busca pelo pai

Como Laura, Carlos e Ana Maria – marcados pela ausência ou pelas “feridas” de uma ou mais figuras parentais – antes deles, e de certo modo “por eles”, também Dom Bosco experimenta a falta de um núcleo familiar forte.

As *Memórias do Oratório* devem logo se deter sobre a precoce perda do pai: Francisco morre aos 34 anos e Dom

Bosco – não sem recorrer a uma expressão, em certos aspectos, desconcertante – reconhece que “Deus misericordioso os atingiu a todos com um grave infortúnio”. Assim, entre as primeiras lembranças do futuro santo dos jovens, surge uma experiência dilacerante: a do corpo do pai, do qual a mãe tenta afastá-lo, encontrando, no entanto, sua resistência: “Eu queria absolutamente ficar lá”, explica Dom Bosco, que então acrescentou: “Se papai não vem, não quero ir [embora]”. Margarida então lhe responde: “Pobre filho, venha comigo, você não tem mais pai”. Ela chora e Joãozinho, que carece de uma compreensão racional da situação, mas intui todo o drama com uma intuição afetiva e de empatia, faz sua a tristeza da mãe: “Eu chorava porque ela chorava, já que naquela idade não podia certamente compreender quão grande infortúnio era a perda do pai”.

Diante do pai morto, Joãozinho demonstra considerá-lo ainda o centro de sua vida. Ele diz, de fato: “não quero *ir* (*it. andare*) [com você, mamãe]” e *não*, como esperaríamos: “não quero *vir* (*it. venire*)”. Seu ponto de referência é o pai – ponto de partida e desejável ponto de retorno – em relação ao qual todo afastamento parece desestabilizador. Na dramaticidade daqueles momentos, além disso, Joãozinho ainda não compreendeu o que significa a morte do genitor. Ele espera, de fato (“se papai não vem...”) que o pai ainda possa ficar perto dele: e, no entanto, já intui seu imobilismo, seu silêncio, sua incapacidade de protegê-lo e defendê-lo, a impossibilidade de ser levado pela mão para se tornar, por sua vez, um homem. Os eventos imediatamente seguintes, então, confirmam a João na certeza de que o pai amorosamente protege, orienta e guia e que, quando lhe falta, mesmo a melhor das mães, como Margarida é, pode prover apenas em parte. Em seu caminho de menino exuberante, o futuro Dom Bosco encontra, no entanto, outros “pais”: os quase-coetâneos Luís Comollo, que desperta nele a emulação das virtudes, e São José Cafasso, que o chama de “meu caro amigo”, faz um “gesto gracioso para se aproximar” e, ao fazer isso, o confirma na persuasão de que paternidade é proximidade, confiança e

interesse concreto. Mas há, sobretudo, o P. Calosso, o sacerdote que “intercepta” o cabeludo Joãozinho durante uma “missão popular” e se torna determinante para seu crescimento humano e espiritual. Os gestos do P. Calosso operam no pré-adolescente João uma verdadeira revolução. O P. Calosso, antes de tudo, *fala com ele*. Então, *dá-lhe voz*. Depois, o *encoraja*. Além disso: se *interessa* pela história da família Bosco, demonstrando saber contextualizar a “hora” daquele menino no “todo” de sua história. Além disso, *revela-lhe o mundo*, ou melhor, de certa forma o *reintegra ao mundo*, fazendo-o conhecer coisas novas, presenteando-o com novas palavras e demonstrando-lhe que ele tem as capacidades para fazer muito e bem. Finalmente, o *protege* com o gesto e com o olhar, e cuida dele em suas necessidades mais urgentes e reais: «Enquanto eu falava, ele nunca desviou o olhar de mim. “Mantenha-se de bom ânimo, amigo, eu pensarei em você e em seus estudos”».

No P. Calosso, João Bosco faz, portanto, a experiência de que a verdadeira paternidade merece um total e totalizante compromisso; leva à consciência de si; abre um “mundo ordenado” onde a regra dá segurança e educa para a liberdade:

“Eu logo me coloquei nas mãos do P. Calosso. Então, conheci o que significa ter um guia estável [...], um amigo fiel da alma... Ele me encorajou; todo o tempo que eu podia, passava perto dele... Daquela época em diante, comecei a saborear o que é a vida espiritual, já que antes agia de forma mais material e como uma máquina que faz uma coisa, sem saber a razão”.

O pai terreno, no entanto, é também aquele que gostaria de estar sempre perto do filho, mas em certo momento não consegue mais fazê-lo. Também o P. Calosso morre; também o melhor pai, em certo momento, se afasta, para dar ao filho a força do desapego e da autonomia típicas da idade adulta.

Qual é, então, para Dom Bosco, a diferença entre famílias bem-sucedidas ou fracassadas? Seríamos tentados a

dizer que está tudo aqui: “bem-sucedida” é a família caracterizada por pais que educam os filhos para a liberdade e, se os deixam, é apenas por uma impossibilidade que surgiu ou para o bem deles. “Ferida”, em vez disso, é a família onde o genitor não gera mais para a vida, mas traz em si problemas de várias naturezas que dificultam o crescimento do filho: um genitor que se desinteressa por ele e, diante das dificuldades, até o abandona, com uma atitude tão diferente da do Bom Pastor.

As histórias biográficas de Laura, Carlos e Anna Maria confirmam isso.

3. Laura: uma filha que “gera” sua própria mãe

Nascida em Santiago do Chile em 5 de abril de 1891, e batizada em 24 de maio seguinte, Laura é a filha mais velha de José D. Vicuña, um nobre decadente que havia se casado com Mercedes Pino, filha de modestos agricultores. Três anos depois, chega uma irmãzinha, Júlia Amanda, mas logo o pai morre, após ter sofrido uma derrota política que minou sua saúde e comprometeu, com o sustento econômico da família, também a honra. Privada de qualquer “proteção e perspectiva de futuro”, a mãe chega à Argentina, onde recorre à tutela do proprietário de terras Manuel Mora: um homem “de caráter soberbo e altivo”, que “não dissimula ódio e desprezo por quem quer que se oponha a seus planos”. Um homem que, portanto, apenas em aparência garante proteção, mas está na verdade acostumado a tomar, se necessário à força, o que deseja, instrumentalizando as pessoas. Enquanto isso, ele paga os estudos de Laura e da irmã no colégio das Filhas de Maria Auxiliadora e sua mãe – que sofre a influência psicológica de Mora – convive com ele sem encontrar a força para romper o vínculo. Quando, no entanto, Mora começa a mostrar sinais de desonesto interesse pela própria Laura, e especialmente quando esta inicia o caminho de preparação para a Primeira Comunhão, ela de repente compreende toda a gravidade da situação. Ao contrário da mãe – que justifica um mal (a convivência) em vista de um bem (a educação das filhas no colégio) – Laura

entende que se trata de uma argumentação moralmente ilegítima, que coloca em grave perigo a alma da mãe. Nesse período, então, Laura gostaria de se tornar ela mesma uma irmã de Maria Auxiliadora: mas seu pedido é recusado, porque é filha de uma “concubina pública”. E é neste ponto que, precisamente em Laura – acolhida no colégio quando ainda dominavam nela “impulsividade, facilidade de ressentimento, irritabilidade, impaciência e propensão a aparecer” – se manifesta uma mudança que apenas a Graça, unida ao empenho da pessoa, pode operar: ela pede a Deus a conversão da mãe, oferecendo-se por ela. Nesse momento, Laura não pode se mover nem “para frente” (entrando entre as Filhas de Maria Auxiliadora) nem “para trás” (voltando para a mãe e para Mora). Com um gesto então carregado da criatividade típica dos santos, Laura inicia o único caminho que ainda lhe é acessível: o da altura e da profundidade. Nos propósitos da Primeira Comunhão, ela anotou:

Proponho fazer o que sei e posso para [...] reparar as ofensas que vós, Senhor, recebeis todos os dias dos homens, especialmente das pessoas da minha família; meu Deus, dai-me uma vida de amor, de mortificação e de sacrifício.

Agora finaliza o propósito em “Ato de oferta”, que inclui o sacrifício da própria vida. O confessor, reconhecendo que a inspiração é de Deus, mas ignorando as consequências, consente e confirma que Laura está “consciente da oferta que acaba de fazer”. Ela vive os últimos dois anos com silêncio, alegria e sorriso e uma índole rica de calor humano. E, no entanto, o olhar que lança sobre o mundo – como confirma um retrato fotográfico, muito diferente da estilização hagiográfica conhecida – diz também toda a sofrida consciência e a dor que habitam nela. Em uma situação em que lhe falta tanto a “liberdade *proveniente de*” (condicionamentos, obstáculos, dificuldades), quanto a “liberdade *de*” fazer muitas coisas, esta pré-adolescente testemunha a “liberdade *para*”: a do dom total de si.

Laura não despreza, mas ama a vida: a sua e a da

mãe. Por isso se oferece. Em 13 de abril de 1902, Domingo do Bom Pastor, pergunta: “Se Ele dá a vida... o que me impede de fazer o mesmo pela mamãe?”. Moribunda, acrescenta: “Mamãe, eu estou morrendo, eu mesma pedi a Jesus... já faz quase dois anos que ofereci a vida por você..., para obter a graça do seu retorno!”.

Essas são palavras livres de arrependimento e de reprovação, mas carregadas de uma grande força, uma grande esperança e uma grande fé. Laura aprendeu a acolher a mãe pelo que ela é. Na verdade, oferece a si mesma para dar a ela o que ela sozinha não consegue alcançar. Quando Laura morre, a mãe se converte. Laurita dos Andes, a filha, assim contribuiu para gerar a mãe na vida de fé e de graça.

4. Carlo Braga e a sombra da mãe

Carlos Braga, que nasce dois anos antes de Laura, em 1889, também é marcado pela fragilidade da mãe: quando o marido a abandona, Matilde “quase não comia mais e declinava a olhos vistos”. Levada então a Como, ela morre quatro anos depois de tuberculose, embora todos estejam convencidos de que a depressão se transformou para ela em uma verdadeira loucura. Carlos começa então a ser “compadecido como o filho de um inconsciente [o pai] e de uma mãe infeliz”. No entanto, três acontecimentos providenciais o socorrem.

Do primeiro, ocorrido quando ele era muito pequeno, ele redescobre mais tarde o sentido: ele havia caído na lareira e a mãe Matilde, ao salvá-lo, naquele momento o consagrou a Nossa Senhora. Assim, o pensamento da mãe ausente se torna para Carlos criança “uma lembrança dolorosa e consoladora ao mesmo tempo”: dor por sua ausência; mas também a certeza de que ela o confiou à Mãe de todas as mães, Maria Santíssima. Anos depois, o P. Braga escreve a um coirmão salesiano atingido pela perda de sua mãe:

Agora a mãe te pertence muito mais do que quando estava viva. Deixa-me falar da minha experiência pessoal. Minha mãe me deixou quando eu tinha seis anos [...]. Mas devo

confessar-te que ela me seguiu passo a passo e, quando eu chorava desolado ao murmúrio do rio Adda, enquanto, pastorzinho, me sentia chamado a uma vocação mais alta, parecia que a Mãe me sorria e enxugava minhas lágrimas.

Carlos então encontra a irmã Judite Torelli, uma Filha de Maria Auxiliadora que «salvou o pequeno Carlos da desagregação de sua personalidade quando, aos nove anos, percebeu que era apenas tolerado e ouviu algumas vezes as pessoas dizerem a seu respeito: ‘Pobre menino, por que ele está no mundo?’». De fato, havia quem sustentasse que seu pai merecia ser fuzilado pela traição do abandono; e, quanto à mãe, muitos colegas de escola lhe replicavam: “Fique quieto, sua mãe era uma louca”. Mas a irmã Judite o ama ou o ajuda de maneira especial; lança sobre ele um olhar “novo”; além disso, acredita em sua vocação e o encoraja.

Tendo entrado então no colégio salesiano de Sondrio, Carlos vive a terceira e decisiva experiência: conhece o P. Rua, de quem tem a honra de ser o pequeno secretário por um dia. O P. Rua sorri para Carlos e, repetindo o gesto que Dom Bosco havia realizado um tempo atrás com ele (“Miguelzinho, eu e você faremos sempre tudo à meia”), “coloca sua mão dentro da dele e lhe diz: ‘nós seremos sempre amigos’”: se a irmã Judite havia acreditado na vocação de Carlos, o P. Rua agora lhe permite realizá-la, “fazendo-o passar por cima de todos os obstáculos”. Certamente, não faltarão dificuldades em cada etapa da vida de Carlos Braga – de noviço, clérigo, até inspetor –, concretizando-se em adiamentos prudenciais e assumindo às vezes a forma de maledicência: mas ele já terá aprendido a enfrentá-las. Enquanto isso, torna-se um homem capaz de irradiar uma alegria extraordinária, humilde, ativo e de delicada ironia: todas características que dizem do equilíbrio da pessoa e seu senso de realidade. Sob a ação do Espírito Santo, o P. Braga desenvolve ele mesmo uma paternidade radiante, à qual se une uma grande ternura pelos jovens a ele confiados. O P. Braga redescobre o amor por seu pai, o perdoa e inicia uma viagem

para se reconciliar com ele. Submete-se a fadigas sem número para estar sempre entre seus Salesianos e jovens. Define-se como aquele que foi “colocado na vinha para servir como uma estaca”, ou seja, na sombra, mas para o bem dos outros. Um pai, ao confiar seu filho a ele como aspirante salesiano, diz: “Com um homem assim, deixo você ir até o Polo Norte!”. O P. Carlos não se escandaliza com as necessidades dos filhos, ao contrário, os educa a manifestá-las, a aumentar o desejo: “Você precisa de algum livro? Não tenha medo, escreva uma lista mais longa”. Acima de tudo, o P. Carlos aprendeu a lançar sobre os outros aquele olhar de amor do qual ele mesmo se sentiu alcançado um tempo atrás graças à irmã Judite e ao P. Rua. Testemunha o P. José Zen, hoje cardeal, num longo trecho que merece ser lido integralmente e que começa com as palavras de sua mãe a ao P. Braga:

“Veja, Padre, este garoto não é mais tão bom. Talvez não seja adequado para ser aceito neste instituto. Eu não gostaria que o senhor fosse enganado. Ah, se soubesse como ele me fez desesperar neste último ano! Eu realmente não sabia mais o que fazer. E se ele fizer o senhor desesperar aqui também, me avise, que eu venho buscá-lo imediatamente”. O P. Braga, em vez de responder, olhava nos meus olhos; eu também o olhava, mas de cabeça baixa. Sentia-me como um réu acusado pelo Ministério Público, em vez de defendido pelo próprio advogado. Mas o juiz estava do meu lado. Com o olhar, ele me compreendeu profundamente, imediatamente e melhor do que todas as explicações de minha mãe. Ele mesmo, escrevendo-me muitos anos depois, aplicava a si as palavras do Evangelho: “*Intuitus dilexit eum* (‘olhando-o, o amou’)”. E desde aquele dia não tive mais dúvidas sobre minha vocação.

5. Ana Maria Lozano Díaz e a fecunda doença do pai

Os pais de Laura e de Carlos se revelaram – a vários títulos – “distantes” e “ausentes”. Uma última figura, a de Ana Maria, atesta, ao contrário, o dinamismo oposto: o de um pai *demasiadamente* presente, que com sua presença abre à

filha um novo caminho de santificação. Ana nasceu em 24 de setembro de 1883 em Oicatà, na Colômbia, numa família numerosa, caracterizada pela exemplar vida cristã dos pais. Quando Ana é muito jovem, o pai – um dia, ao se lavar – descobre uma mancha suspeita na perna. É a terrível lepra, que ele consegue esconder por algum tempo, mas é forçado a reconhecer, aceitando primeiro se separar da família, depois se reunir a ela no lazareto de Agua de Dios. A esposa lhe disse heroicamente: “Seu destino é o nosso”. Assim, os saudáveis aceitam os condicionamentos que advêm de assumir o ritmo dos doentes. Nesse momento, a doença do pai condiciona a liberdade de escolha de Ana Maria, forçada a projetar sua vida no lazareto. Ela também – como já havia acontecido com Laura – se vê impossibilitada de realizar sua vocação religiosa devido à doença paterna: experimenta então, interiormente, aquela laceração que a lepra opera nos doentes. No entanto, Ana Maria não está sozinha. Como Dom Bosco encontrou um amigo da alma, graças ao P. Calosso, assim Laura o encontrou no confessor e Carlos no P. Rua. É o beato P. Luís Variara, salesiano, que lhe assegura: “Se você tem vocação religiosa, ela se realizará”, e a envolve na fundação das Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, em 1905. É o primeiro Instituto a acolher em seu interior leprosas ou filhas de leprosos. Quando a Ir. Lozano morre, em 5 de março de 1982, quase aos 99 anos, Madre Geral por mais de meio século, a intuição do salesiano P. Variara já se concretizou em uma experiência que confirmou e reforçou a dimensão vital-reparadora do carisma salesiano.

6. Os santos ensinam

Nas suas inelimináveis diferenças, as histórias de Laura Vicuña (beata), Carlos Braga e Ana Maria Lozano (servos de Deus) são unidas por alguns aspectos dignos de nota:

a) Laura, Ana e Carlos, como já Don Bosco, sofrem situações de sofrimento e de dificuldade, por vários títulos relacionadas aos seus pais. Não se pode esquecer de Mamãe Margarida, que se vê obrigada a afastar Joãozinho de casa quando a ausência da autoridade paterna facilita a oposição

com o irmão Antônio; nem esquecer que Laura foi assediada por Mora e rejeitada pelas Filhas de Maria Auxiliadora como sua aspirante; que Carlos Braga sofreu incompreensões e calúnias; ou que a lepra do pai parece em certo momento retirar de Ana Maria toda esperança de futuro.

Uma família por vários títulos ferida causa, portanto, um *dano objetivo* a quem dela faz parte: desconhecer ou tentar reduzir a magnitude desse dano seria uma empreitada tão ilusória quanto injusta. A cada sofrimento se associa, de fato, um elemento de perda que os “santos”, com seu realismo, interceptam e aprendem a chamar pelo nome.

b) Joãozinho, Laura, Ana Maria e Carlos realizam neste ponto um segundo passo, mais árduo que o primeiro: em vez de sofrer passivamente a situação, ou de se queixar dela, movem-se com crescente consciência em direção ao problema. Além de um vivo realismo, atestam a capacidade, típica dos santos, de reagir prontamente, evitando o recuo autorreferencial. Eles se dilatam no dom e inserem esse dom nas condições concretas de vida. Ao fazer isso, unem o “*da mihi animas*” ao “*caetera tolle*”.

c) Os limites e as feridas, assim, nunca são removidos: mas sempre reconhecidos e chamados pelo nome; inclusive, são “*habitados*”. Também a beata Alexandrina Maria da Costa e o servo de Deus Nino Baglieri, o venerável André Beltrami e o beato Augusto Czarторыski, “alcançados” pelo Senhor nas condições incapacitantes de sua doença, o beato Tito Zeman, o venerável José Vandor e o servo de Deus Ignácio Stuchlý – parte de histórias maiores que eles e que parecem sobrepujá-los – ensinam a difícil arte de permanecer nas dificuldades e permitir que o Senhor faça florescer a pessoa nelas. A liberdade de escolha assume aqui a forma altíssima de uma liberdade de adesão, no “*fiat!*”.

Nota Bibliográfica:

Para preservar o caráter de “testemunho” e não de “relação” deste escrito, evitou-se um aparato crítico de notas. No entanto, ressalta-se que as citações presentes no

texto são extraídas das *Memórias do Oratório* do P. João Bosco; de Maria Dosio, *Laura Vicuña: um caminho de santidade juvenil salesiana*, LAS, Roma, 2004; de P. Carlo Braga conta sua *experiência missionária e pedagógica* (testemunho autobiográfico do servo de Deus) e da *Vida do P. Carlos Braga; “o Dom Bosco da China”*, escrita pelo salesiano P. Mário Rassiga e hoje disponível em forma mimeografada. A essas fontes se somam os materiais dos Processos de beatificação e canonização, acessíveis para Don Bosco e Laura, ainda reservados para os servos de Deus.

0 Servo de Deus André Majcen: um salesiano todo para os jovens

Este ano marca o 25º aniversário da passagem para a eternidade do Servo de Deus P. Andrej Majcen. Como professor em Radna, ele entrou para as fileiras dos salesianos por amor aos jovens. Uma vida de doação.

A primeira coisa é que o **P. André amava muito os jovens**: por eles consagrou sua vida a Deus como salesiano, sacerdote, missionário. Ser salesiano não significa apenas dar a vida a Deus: significa dar a vida pelos jovens. Portanto, sem os jovens, o P. André Majcen não teria sido um salesiano, um sacerdote, um missionário: pelos jovens, ele fez escolhas exigentes, aceitando condições de pobreza, dificuldades, preocupações para que “seus meninos” encontrassem um teto sobre suas cabeças, um prato para encher seus estômagos e uma luz para guiá-los através da existência.

A primeira mensagem, portanto, é que o Padre Majcen ama os

jovens e intercede por eles!

A segunda é que **André era um jovem capaz de ouvir**. Nascido em 1904, ainda criança durante a Primeira Guerra Mundial, doente e pobre, marcado pela morte de um irmão mais novo, André guardava em seu coração grandes desejos e, acima de tudo, muitas perguntas: estava aberto à vida e queria entender por que ela merecia ser vivida. Ele nunca desconsiderou as perguntas e sempre se empenhou em buscar respostas, mesmo em ambientes diferentes do seu, sem fechamentos ou preconceitos. Ao mesmo tempo, André era dócil: prestava atenção ao que a mãe, o pai, os educadores lhe diziam e perguntavam... André confiava que os outros poderiam ter algumas respostas para suas perguntas e que, nas sugestões deles, não havia o desejo de substituí-lo, mas de apontar uma direção que ele seguiria em sua própria liberdade e com seus próprios pés.

Seu pai, por exemplo, o aconselhou a ser sempre bom com todos e que ele nunca se arrependeria disso. Ele trabalhava no tribunal, lidava com casos de sucessões, com muitas coisas difíceis em que as pessoas frequentemente brigam e até mesmo os laços mais sagrados são ofendidos. Com seu pai, André aprendeu a ser bom, a trazer paz, a reconciliar tensões, a não julgar, a estar no mundo (com suas tensões e contradições) como uma pessoa justa. André ouvia e confiava em seu pai.

Sua mãe era uma grande mulher de oração (André a considerava uma religiosa no mundo e confidenciou que não havia alcançado a devoção dela nem mesmo como religioso). Em sua adolescência, quando ele poderia ter perdido o contato com ideias e ideologias, ela pedia que ele fosse à igreja por alguns momentos todos os dias. Nada em particular, nem muito longo: *“Quando você for para a escola, não se esqueça de entrar na igreja franciscana por um momento. Você pode entrar por uma porta e sair pela outra; faça o sinal da cruz com água benta, faça uma breve oração e entregue-se a Maria”*. André obedeceu à sua mãe e todos os dias vinha cumprimentar Maria na igreja, embora – “lá fora” – muitos companheiros e debates animados o

aguardassem. André ouvia e confiava em sua mãe, e descobriu que ali estavam as raízes de muitas coisas, havia um vínculo com Maria que o acompanharia para sempre. São essas pequenas gotas que cavam grandes profundidades em nós, quase sem percebermos!

Um professor o convidou para ir à biblioteca e lá lhe deram um livro com os *Aforismos* de Tomás Garrigue Masaryk: político, homem de governo, hoje diríamos um “leigo”. André leu esse livro e isso foi decisivo para seu crescimento. Ali ele descobriu o que significava um certo grau de trabalho sobre si mesmo, formação de caráter e comprometimento. André ouviu os conselhos e ouviu Masaryk, não se deixando influenciar demais por seu “currículo”, mas vendo o lado bom mesmo em alguém que estava longe da maneira católica de pensar de sua própria família. Ele descobriu que existem valores humanos universais e que há uma dimensão de comprometimento e seriedade que é um “terreno comum” para todos.

Professor junto aos Salesianos, em Radna, o jovem Majcen finalmente ouviu aqueles que – de diferentes maneiras – lhe deram a ideia de uma **possível consagração**. Havia muitas razões pelas quais André poderia ter desistido: o investimento da família em sua formação; o emprego que ele havia encontrado apenas alguns meses antes; ter que deixar tudo e se expor a uma incerteza total, se fracassasse... Naquele momento, ele era um jovem olhando para o futuro, que não havia considerado aquela proposta. Ao mesmo tempo, estava procurando algo mais e diferente e, como homem e como professor, percebeu que os salesianos não apenas ensinavam, mas orientavam para Jesus, Mestre da Vida. A pedagogia de Dom Bosco era para ele a “peça” que lhe faltava. André ouviu a proposta vocacional, enfrentou uma dura luta durante a oração, de joelhos, e decidiu solicitar a admissão ao noviciado: não deixou passar muito tempo, mas pensou seriamente, rezou e disse sim. Ele não perdeu a oportunidade, não deixou o momento passar...: ele ouviu, confiou e decidiu, consentindo e sabendo tão pouco a respeito do que iria encontrar pela frente.

Muitas vezes, todos nós acreditamos que nos vemos

bem em nossa própria vida, que temos as chaves para ela, seu segredo: às vezes, porém, são exatamente os outros que nos convidam a reorientar o olhar, os ouvidos e o coração, mostrando-nos caminhos para os quais nunca teríamos ido sozinhos. Se essas pessoas são boas e querem o nosso bem, é importante obedecer-lhes: aí está o segredo da felicidade. O P. Majcen confiou, não desperdiçou anos, não desperdiçou a vida... Ele disse sim. Decidir-se a tempo também foi o grande segredo recomendado por Dom Bosco.

A terceira coisa é que **André Majcen se permitiu ser surpreendido**. Ele sempre acolheu surpresas, propostas e mudanças: o encontro com os salesianos, por exemplo; depois, o encontro com um missionário que o fez arder com o desejo de poder se dedicar aos outros em uma terra distante. Ele também recebeu algumas surpresas não tão boas: vai para a China e lá está o comunismo; eles o expulsam, ele entra no Vietnã do Norte e o comunismo também faz estragos lá; eles o expulsam, ele segue para o sul, depois chega ao Vietnã do Sul; mas o comunismo também chega a essa área e eles o expulsam novamente (parece um filme de ação, com uma longa perseguição com sirenes tocando!) Ele volta para casa, para sua amada Eslovênia, e, nesse meio tempo, o regime comunista se estabelece lá e há perseguição à Igreja. O que é isso? Uma piada? André não reclamou! Viveu por décadas em países em guerra ou em situações de risco, com perseguição, emergências, luto... Dormiu por mais de vinte anos enquanto do lado de fora da janela, ali, estavam atirando... Em outros momentos, chorava... No entanto – mesmo tendo cargos de responsabilidade e tantas vidas para salvar – estava quase sempre sereno, com um belo sorriso, muita alegria e amor no coração. Como ele fazia isso?

Ele não colocava seu coração em eventos externos, em coisas, naquilo que não se pode controlar ou... em seus próprios planos (“tem que ser assim porque eu decidi”: quando “não é assim”, entra-se em crise). Ele havia colocado seu coração em Deus, na Congregação e em seus queridos jovens. Então ele estava realmente livre, o mundo poderia cair, mas as

raízes estavam seguras. As raízes estavam nos *relacionamentos*, em uma boa maneira de *se dedicar aos outros*; o alicerce estava em *algo que não passa*.

Muitas vezes, tudo o que precisamos é que mexam em uma pequena coisa e ficamos com raiva porque não está de acordo com nossas necessidades, desejos, planos ou expectativas. André Majcen me diz, nos diz: “seja livre!”, “confie seu coração àqueles que não o roubarão nem o danificarão”, “construa sobre algo que permanecerá para sempre!”, “então você será feliz mesmo que lhe tirem tudo e você sempre terá o TUDO”.

A quarta coisa é que **o P. André Majcen fazia bem o exame de consciência**. Todos os dias ele se examinava para ver o que tinha feito de bom, de ruim ou de péssimo. Quando tinha a oportunidade (ou seja, quando não havia mais bombas perto de sua casa ou vietcongues a uma curta distância etc.), ele pegava um caderno, escrevia perguntas, refletia sobre a Palavra de Deus, verificava se a tinha colocado em prática... Ele se questionava.

Hoje vivemos em uma sociedade que dá grande importância à exterioridade: ela também é uma dádiva (por exemplo, cuidar de si mesmo, vestir-se adequadamente, apresentar-se bem), mas não é tudo. Temos que cavar dentro de nós mesmos, ir fundo – talvez com a ajuda de alguém.

André sempre teve a coragem de olhar para si mesmo, olhar para seu próprio coração e consciência e pedir perdão. Ao fazer isso, ele encontrou alguns aspectos não muito bonitos de si mesmo, nos quais devia trabalhar e confiar: mas também viu muita coisa boa, beleza, pureza, amor que, de outra forma, teria permanecido “desconhecido”.

Muitas vezes, é preciso mais coragem para viajar dentro de nós mesmos do que para ir ao outro lado do mundo! O P. André Majcen enfrentou essas duas jornadas: da Eslovênia, ele chegou ao Extremo Oriente, mas o itinerário mais exigente sempre permaneceu – até o fim – dentro de seu próprio coração.

Santo Agostinho, um jovem que buscou a verdade de

muitas maneiras antes de encontrá-la na pessoa de Jesus, dentro de si mesmo, diz: *“Noli foras ire, redi in te ipsum, in interiore homini habitat veritas”* (“Não queira ir para fora, volte para dentro de si mesmo, a verdade habita na interioridade do homem”).

E assim concluo com um pequeno exercício de latim: uma língua muito querida ao nosso André e ligada ao seu discernimento vocacional. Mas isso seria realmente..., pelo menos por enquanto, outra história!

Encontro com Vera Grita de Jesus, Serva de Deus

Vera Grita, junto com Alexandrina Maria da Costa (de Balazar), ambas Salesianas Cooperadoras, são duas testemunhas privilegiadas de Jesus presente na Eucaristia. Elas são um dom da Providência para a Congregação Salesiana e para a Igreja, lembrando-nos as últimas palavras do Evangelho de Mateus: “Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”.

0 convite a um encontro

Nos últimos anos, entre as figuras de santidade da Família Salesiana, foi incluída Vera Grita (1923-1969), leiga, consagrada com votos privados, Salesiana Cooperadora, mística. Vera é agora Serva de Deus (concluída a fase diocesana e em andamento a fase romana da Causa) e a sua importância para nós deriva essencialmente de dois motivos: como Cooperadora, pertence carismaticamente à grande Família de Dom Bosco e podemos senti-la “irmã”; como mística, o Senhor Jesus lhe “ditou” a Obra dos Tabernáculos Vivos (Obra eucarística de amplo alcance eclesial) que, por vontade do Céu, é confiada antes de tudo aos Salesianos. Jesus chama fortemente os

salesianos para que conheçam, vivam, aprofundem e testemunhem essa sua Obra de Amor na Igreja, para cada ser humano. Conhecer Vera Grita significa, portanto, hoje, tomar consciência de um grande dom dado à Igreja por meio dos filhos de Dom Bosco, e estar em sintonia com o pedido de Jesus de que sejam os próprios salesianos a guardar esse precioso tesouro e a doá-lo aos outros, colocando-se profundamente em ação.

O fato de que esta Obra seja, antes de tudo, eucarística (... “Tabernáculos vivos”) e mariana (Maria Imaculada, Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora Auxiliadora dos Cristãos, Mãe da Obra) não pode deixar de nos reconduzir ao “sonho das duas colunas” de Dom Bosco, no qual a nave da Igreja encontra segurança contra o ataque dos inimigos ancorando-se nas duas colunas da Virgem Maria e da Santíssima Eucaristia.

Há, portanto, uma grande e constitutiva salesianidade na vida de Vera: isso nos ajuda a senti-la próxima, uma nova amiga e irmã de espírito. Ela nos toma pela mão e nos conduz – com a sua típica doçura e força – a um encontro renovado e de grande beleza com Jesus na Eucaristia, para que Ele seja recebido e levado aos outros. É – isso também – um gesto de preparação para o Natal, porque Maria (“tabernáculo de ouro”) traz e nos dá Jesus: a Palavra da vida (cf. 1Jo 1,1), feita carne (cf. Jo 1,14).

Perfil biográfico e espiritual de Vera Grita

Vera Grita nasceu em Roma em 28 de janeiro de 1923, a segunda das quatro filhas de Hamlet Grita e Maria Ana Zacco della Pirrera. Seus pais eram originários da Sicília: Hamlet pertencia a uma família de fotógrafos; a *senhora* Maria Ana era filha de um barão da cidade de Módica e, ao se casar contra a vontade do pai, perdeu para sempre todos os privilégios e a própria possibilidade de cultivar qualquer vínculo com sua família de origem. Vera nasceu de um arroubo afetivo, mas também de um grande amor ao qual seus pais souberam permanecer fiéis em meio a muitas provações.

O antifascismo do pai Hamlet, um roubo de

equipamento fotográfico e, sobretudo, a crise de 1929-30 têm sérias repercussões para a família Grita: em pouco tempo, eles se veem pobres e incapazes de sustentar o crescimento das filhas. Assim, enquanto Hamlet, Maria Ana e a filha mais nova, Rosa, permaneceram juntos e recomeçam novamente em Savona, na Ligúria, Vera cresceu com as irmãs Josefina e Liliana em Módica, com as tias paternas: mulheres de fé e talento, totalmente no mundo, mas “não do mundo” (cf. Jo 17). Em Módica – cidade siciliana que é patrimônio da UNESCO pelo esplendor de seu barroco – Vera frequentou a escola das Filhas de Maria Auxiliadora e recebeu a Primeira Comunhão e a Crisma. Sente-se atraída pela vida de oração e atenta às necessidades do próximo, mantendo silêncio sobre seus próprios sofrimentos para ser uma “mãe” para sua irmãzinha Liliana. No dia de sua primeira comunhão, ela não queria mais tirar o vestido branco, pois estava ciente do valor do que havia vivido e de tudo o que isso significava.

Ao voltar para a família em 1940, Vera obteve seu diploma de professora. A morte prematura de seu pai, Hamlet, em 1943, obrigou-a a ajudar a família com o trabalho, mas desistindo de sua desejada profissão de professora.

Em 3 de julho de 1944 – aos 21 anos de idade e enquanto procurava abrigo contra um ataque aéreo – Vera foi atropelada e pisoteada pela multidão que fugia: ela ficou no chão por horas, dilacerada, machucada, com ferimentos graves, e acreditava-se que estivesse morta. Seu corpo ficou marcado para o resto da vida e, com o passar do tempo, doenças como a doença de Addison (que esgota o hormônio responsável pelo controle do estresse) e cirurgias contínuas, incluindo a remoção do útero ainda jovem, cobraram seu preço. Os eventos de 3 de julho e o quadro clínico comprometido a impediram de formar uma família, como ela gostaria. *«A partir de então, foi uma sucessão de internações, operações, análises, dores excruciantes na cabeça e em todo o corpo. Doenças terríveis foram diagnosticadas, vários cuidados foram tentados. Os órgãos afetados não respondiam ao tratamento e, nesse distúrbio inexplicável, um de seus médicos assistentes,*

espantado [,] declarou: 'Não dá para entender como é possível que a paciente tenha encontrado seu equilíbrio'».

Durante 25 anos, até o fim de sua vida terrena, Vera Grita suportou corajosamente um sofrimento que se aprofundaria em um sofrimento moral e espiritual; e ela o encobriu com discrição e um sorriso, sem deixar de se dedicar aos outros. Seu corpo tornou-se “pesado” (embora gracioso: Vera sempre foi muito feminina e bonita), um corpo que impunha restrições, lentidão e cansaço a cada passo.

Com 35 anos, realizou o sonho de lecionar com grande força de vontade e, de 1958 a 1969, foi professora em escolas quase todas no interior da Ligúria: de difícil acesso, com turmas pequenas e, às vezes, com alunos desfavorecidos ou deficientes, aos quais transmitia confiança, compreensão e alegria, chegando a renunciar aos remédios para comprar os tônicos necessários para o crescimento deles. Mesmo na família, ela é mais “mãe” do que a mãe das sobrinhas, o que atesta uma sensibilidade educativa muito delicada e uma capacidade geradora única, humanamente impossível em vista das suas provações vividas (cf. Is 54). Quando o relacionamento com os outros, as situações, os problemas parecem dominar e Vera experimenta o desânimo humano ou é tentada a se rebelar, por causa de um sentimento de injustiça, ela sabe reler a história à luz do Evangelho e recordar o seu “lugar” de “pequena vítima”: *“Hoje [...] – escreverá um dia ao seu diretor espiritual – vejo as coisas em seu valor”*. Este padre lhe recomendou: *“Permaneçamos calmos na obediência”*.

No dia 19 de setembro de 1967, enquanto rezava diante do Santíssimo Sacramento exposto na pequena igreja de Maria Auxiliadora em Savona, ela sentiu interiormente a primeira de uma longa série de Mensagens que o Céu lhe comunica no breve espaço de dois anos e que constituem a “Obra dos Tabernáculos Vivos”: Obra de *Amor* com a qual Jesus na Eucaristia quer ser conhecido, amado e levado às almas, em um mundo que cada vez menos acredita Nele e O procura. Para ela, é o início de um relacionamento de crescente plenitude com o Senhor, que entra em sua vida cotidiana com a Sua Presença, em

um diálogo concreto como o de dois amantes, participando da existência de Vera em tudo (Jesus dita Seus próprios pensamentos enquanto Vera escreve uma carta, de modo que a carta é escrita a “quatro mãos”, com a maior familiaridade). Do “*levar a Jesus*” ao “*levar Jesus*”: Ele!

Vera submeteu tudo ao seu diretor espiritual e à obediência da Igreja, com um alto conceito de dependência deles, muita obediência, uma imensa humildade: Jesus havia tomado uma “professora” e a colocou na escola do Seu Amor, ensinando-a por meio das Mensagens e, acima de tudo, chamando-a à coerência da fé e da vida. Ele é um Esposo muito doce e, ao mesmo tempo, muito exigente ao treiná-la para o caminho da virtude: Ele recorre às imagens da escavação, do trabalho, do cinzel, do martelo com seus “golpes” para ensinar a Vera o quanto ela deve tirar de si, quanto trabalho deve ser feito em uma alma para que ela possa ser um verdadeiro Templo da Presença de Deus: *“Estou trabalhando em você com golpes de cinzel [...]. A aridez, as pequenas e grandes cruces são o meu martelo. Então, em intervalos, o golpe virá, o meu golpe. Tenho de tirar muitas, muitas coisas de você: resistência ao meu amor, desconfiança, medos, egoísmo, ansiedades inúteis, pensamentos não cristãos, hábitos mundanos”*. A docilidade de Vera é a ascese cotidiana, a humildade de quem toca o limite, mas o coloca à disposição da onipotência e da misericórdia de Deus. Jesus, por meio dela, ensina um caminho de santidade que – se é evidentemente orientado para poder acolher a plenitude de Sua Vida – se expressa por meio de um “menos” do que somos e resistimos a Ele: santidade... por “subtração”, para nos tornarmos transparência Dele. A primeira característica do Tabernáculo é, de fato, estar vazio e disposto a acolher uma Presença. Como escreveu a mestra de noviças de um mosteiro beneditino do Santíssimo Sacramento: *“Os pensamentos que ela escreve são de Jesus. Como os textos são limpos! Às vezes, mesmo nos diários espirituais de almas santas e belas, quanta subjetividade emerge [...] e é justo que seja assim. [...] Vera [em vez disso] desaparece, ela não está lá [,] ela não é contada”* (cf.).

Vera um dia escreverá: *“Meus alunos são parte de mim, do meu amor por Jesus”*. É o fruto maduro de uma vida eucarística que a faz “partir o pão” com a Única Vítima. Sem Jesus, ela não poderia mais viver: *“Eu quero Jesus, não importa o que aconteça. Não posso mais viver sem Ele, não posso”*. Uma declaração “ontológica” que fala do vínculo indissolúvel entre ela e seu Esposo Eucarístico.

Vera Grita recebeu uma primeira Mensagem, seguida de oito anos de silêncio, em Alpicella (Savona), em 6 de outubro de 1959. Em 2 de fevereiro de 1965, fez os votos de castidade perpétua e de “pequena vítima” para os sacerdotes, aos quais serviu com particular delicadeza e dedicação. Tornou-se Cooperadora Salesiana em 24 de outubro de 1967. Amava intensamente Maria, a quem se havia consagrado, e vivia seu relacionamento filial com Ela no espírito da “escravidão de amor” de Montfort. Mais tarde, ofereceu-se para outras intenções, de natureza eclesial: em particular para os sacerdotes que, com o período dos anos “sessenta e oito”, abandonaram sua vocação, mas permaneceram filhos amados, nunca longe do Coração de Cristo, como Ele mesmo assegura.

Considerada digna de fé, muito amada e estimada, com fama de santidade, Vera morreu no hospital “Santa Corona”, em Pietra Ligure (Savona), no dia 22 de dezembro de 1969, de choque hipovolêmico por hemorragia massiva e consequente falência de vários órgãos: *“esposa de sangue”*, como foi chamada por Jesus nas Mensagens, muito antes de entender o que isso significava.

Poucos momentos depois, o capelão – com um gesto tão espontâneo quanto incomum – elevou seu corpo ao céu, orando e oferecendo tudo, apresentando Vera como uma oferta agradável: *consummatum est!* Era o último de uma série de gestos que pontuavam a vida da Serva de Deus e que, de outras formas, ela mesma havia realizado: o sinal da cruz amplo; a genuflexão bem feita, lentamente; a Escada Santa de joelhos com os Cadernos nos quais transcrevia as Mensagens da Obra; a oferta de si mesma levada até São Pedro. Quando não entendia, no cansaço e às vezes na dúvida, Vera Grita *fazia*: sabia que o

mais importante não era o seu próprio sentimento, mas a objetividade da Obra de Deus nela e através dela. Ela havia escrito sobre si mesma: *«Sou ‘terra’ e não sirvo para nada, a não ser para escrever sob ditado»*; *«Às vezes entendo e não entendo»*; *“Jesus não me abandona, mas se sirva deste trapo para seus planos divinos»*. O diretor espiritual, surpreso, comentou um dia – referindo-se às palavras das Mensagens –: *“Acho-as esplêndidas, até mesmo beatificantes. E como você consegue permanecer árida?”*. Vera nunca havia olhado para si mesma e, como para todo místico, uma luz mais forte havia se tornado para ela noite escura, escuridão brilhante, prova da fé.

Oito anos depois, em 22 de setembro de 1977, o Papa Paulo VI (que já havia recebido algumas das mensagens da Obra e que havia instituído os Ministros Extraordinários da Eucaristia em 1972), recebeu em audiência o diretor espiritual de Vera Grita, P. Gabriel Zucconi, sdb, e abençoou a Obra dos Tabernáculos Vivos.

Em 18 de maio de 2023, o bispo de Savona-Noli, Dom Calógero Marino, *“aprovou os Estatutos da Associação “Obra dos Tabernáculos Vivos”*; e, em 19 de maio, *erigiu-a em Associação privada de fiéis, reconhecendo também sua personalidade jurídica*”. O Reitor-Mor dos Salesianos, Card. Fernández Artime, já em 2017 autorizou e encarregou a Postulação SDB de *“acompanhar todos os passos necessários para que a Obra [...] continue a ser estudada, promovida em nossa Congregação e reconhecida pela Igreja, em espírito de obediência e caridade”*.

Ser e tornar-se “Tabernáculos Vivos”

No centro das Mensagens a Vera está Jesus Eucaristia: todos nós temos experiência da Eucaristia; mas é preciso observar (cf. o teólogo P. Francisco Maria Léthel, ocd) como a Igreja aprofundou, ao longo do tempo, o significado do Sacramento do Altar, de descoberta em descoberta: por exemplo, da *celebração à Reserva Eucarística* e da *Reserva à Exposição* durante a Adoração do Santíssimo

Sacramento... Por meio de Vera, Jesus pede um passo a mais: da Adoração na igreja, onde é preciso ir para encontrá-Lo, àquele “Leve-me com você!” (cf. *abaixo*), por meio do qual Ele mesmo, tendo feito sua morada em seu Tabernáculo Vivo (nós), quer sair das igrejas para alcançar aqueles que, espontaneamente, não entrariam nas igrejas; aqueles que não acreditam nele; não o buscam; não o amam ou até mesmo o excluem voluntariamente da própria existência. A **graça carismática** ligada à Obra é, de fato, a da **permanência eucarística de Jesus na alma**, de modo que quem recebe Jesus-Eucaristia na Santa Missa e vive sensível aos Seus apelos e à Sua Presença, irradia-O no mundo, a cada irmão e especialmente aos mais necessitados. Assim, Vera Grita se torna o exemplo e o modelo (no sentido literal do termo: alguém que já viveu o que é exigido de cada um) de uma vida vivida em um profundo corpo a corpo com o Senhor Eucarístico, até que seja Ele mesmo quem olha, fala, age, por meio da “alma” que O carrega e O entrega. Jesus diz: *“Eu me servirei de seu modo de falar, de se expressar, para falar e alcançar as outras almas. Deem-me suas faculdades, para que eu possa me encontrar com todos e em todos os lugares. No início, será para a alma um trabalho de atenção, de vigilância, para descartar de si mesma tudo o que representa um obstáculo à minha permanência nela. Minhas graças nas almas chamadas para essa Obra serão graduais. Hoje você leva de Mim para a família, o Meu beijo; em outro momento, algo mais e sempre mais ainda, até que, quase sem que a própria alma saiba, Eu farei, agirei, falarei, amarei, por meio dela, todos os que se aproximarem dessa alma, ou seja, de Mim. Há aqueles que agem, falam, olham, trabalham, sentindo-se guiados apenas pelo meu Espírito; mas eu já sou Tabernáculo Vivo nessa alma, e ela não sabe disso. Mas deve sabê-lo, porque quero sua adesão à minha PERMANÊNCIA EUCARÍSTICA em sua alma; quero que essa alma me dê também sua voz para falar aos outros homens, seus olhos para que os meus possam encontrar o olhar dos irmãos, seus braços para que eu possa abraçar os outros, suas mãos para acariciar os pequenos, as crianças, os sofredores. Essa Obra, porém, tem como base o amor e a humildade. A alma deve ter sempre diante*

de si suas próprias misérias, seu próprio nada, e nunca se esquecer de que tipo de massa foi amassada” (Savona, 26 de dezembro de 1967).

Pode-se, então, compreender também outro aspecto da relevância “salesiana” do carisma: o ser para os outros; enviados em particular aos pequenos, aos pobres, aos últimos, aos distantes; viver uma “interioridade apostólica” que significa ser tudo em Deus e tudo para o irmão; a grande doçura de quem não leva a si mesmo, mas irradia a mansidão, a serenidade e a alegria do Senhor crucificado e ressuscitado; a atenção privilegiada aos jovens, que também são chamados a participar dessa vocação.

Vera – cujo confessor em vida foi um salesiano (P. João Bocchi) e cujo diretor espiritual foi também um salesiano (P. Gabriel Zucconi) e um “referente” da experiência mística (P. José Borra) – volta hoje a bater à porta dos filhos de Dom Bosco. A própria Obra nasceu em Turim, berço do carisma salesiano.

Referências bibliográficas:

– Centro de Estudos “Opera dei Tabernacoli Viventi” (ed.), [*Portami con Te! L’Opera dei Tabernacoli Viventi nei manoscritti originali di Vera Grita*](#), Turim, 2017.

– Centro de Estudos “Opera dei Tabernacoli Viventi” (ed.), [*Vera Grita una mistica dell’Eucaristia. Epistolario di Vera Grita e dei Sacerdoti Salesiani don G. Bocchi, don G. Borra e don G. Zucconi*](#), ElleDiCi, Turim, 2018.

Ambos os textos incluem estudos de contextualização histórico-biográfica, teológico-espiritual, salesiana e eclesial da Obra.

“Mãe de Jesus, Mãe do belo Amor, dai amor ao meu pobre coração, dai pureza e santidade à minha alma, dai vontade ao meu caráter, dai santa iluminação à minha mente, dai-me Jesus, dai-me o vosso Jesus para sempre.” (Oração a Maria que Jesus ensinou a Vera Grita)

Laura Vicuña: uma filha que “gera” a própria mãe

Histórias de famílias feridas

Estamos acostumados a imaginar a família como uma realidade harmoniosa, caracterizada pela presença simultânea de várias gerações e pelo papel orientador dos pais que estabelecem a norma e dos filhos que, ao aprendê-la, são orientados por eles na experiência da realidade. Não obstante, as famílias frequentemente se veem atravessadas por dramas e mal-entendidos, ou marcadas por feridas que atacam a sua configuração ideal e lhes dão uma imagem distorcida, deturpada e falsa.

A história da santidade salesiana também é atravessada por histórias de famílias feridas: famílias em que falta pelo menos uma das figuras parentais, ou a presença da mãe e do pai se torna, por diferentes razões (físicas, psíquicas, morais e espirituais), penalizadora para os filhos, agora a caminho das honras dos altares. O próprio Dom Bosco, que havia experimentado a morte prematura do pai e o afastamento da família pelo prudente arbítrio de Mamãe Margarida, quis – não por acaso – a obra salesiana particularmente dedicada à “juventude pobre e abandonada” e não hesitou em alcançar os jovens formados em seu oratório com uma intensa pastoral vocacional (demonstrando que nenhuma ferida do passado é obstáculo para uma vida humana e cristã plena). É natural, portanto, que a própria santidade salesiana, que se baseia na vida de muitos dos jovens de Dom Bosco, depois consagrados por meio dele à causa do Evangelho, traga em si – como consequência lógica – traços de famílias feridas.

Dentre esses meninos e meninas que cresceram em

contato com as obras salesianas, apresentamos a Beata Laura Vicuña, nascida no Chile em 1891, órfã de pai e cuja mãe iniciou uma convivência na Argentina com o rico fazendeiro Manuel Mora; Laura, portanto, ferida pela situação de irregularidade moral da mãe, estava pronta a oferecer a vida por ela.

Uma vida breve, mas intensa

Nascida em Santiago do Chile em 5 de abril de 1891 e batizada em 24 de maio do mesmo ano, Laura era a filha mais velha de José D. Vicuña, um nobre decaído que se havia casado com Mercedes Pino, filha de modestos fazendeiros. Três anos mais tarde, chegou uma irmã mais nova, Júlia Amanda; mas logo seu pai morreu, depois de sofrer uma derrota política que prejudicou sua saúde e comprometeu, junto com o apoio financeiro da família, também sua honra. Privada de qualquer “proteção e perspectiva de futuro”, a mãe desembarca na Argentina, onde recorre à tutela do latifundiário Manuel Mora: um homem “de caráter soberbo e altivo”, que “não dissimula o ódio e o desprezo por qualquer um que se oponha a seus desígnios”. Um homem, em resumo, que só aparentemente garante proteção, mas que na verdade está acostumado a tomar, se necessário pela força, o que quer, explorando as pessoas. Nesse meio tempo, ele paga os estudos no internato das Filhas de Maria Auxiliadora para Laura e sua irmã; e a mãe delas – que está sob a influência psicológica de Mora – vive com ele sem encontrar forças para romper o vínculo. No entanto, quando Mora começa a mostrar sinais de interesse desonesto pela própria Laura e, especialmente, quando esta última embarca no caminho de preparação para sua primeira comunhão, ela subitamente percebe a gravidade da situação. Ao contrário de sua mãe – que justifica um mal (a coabitação) em vista de um bem (a educação das filhas em um colégio interno) – Laura entende que esse é um argumento moralmente ilegítimo, que coloca a alma de sua mãe em grave perigo. Nessa época, Laura também queria se tornar freira de Maria Auxiliadora; mas seu pedido foi rejeitado, porque ela era filha de uma “concubina

pública". E é nesse momento que ocorre uma mudança em Laura – recebida no internato quando “a impulsividade, a facilidade de ressentimento, a irritabilidade, a impaciência e a propensão a aparecer” ainda dominavam nela – que somente a Graça, combinada com o comprometimento da pessoa, pode realizar: ela pede a Deus pela conversão da mãe, oferecendo-se por ela. Naquele momento, Laura não podia se mover nem “para frente” (entrando nas Filhas de Maria Auxiliadora) nem “para trás” (voltando para sua mãe e Mora). Com um gesto então carregado da criatividade típica dos santos, Laura embarcou no único caminho ainda acessível a ela: o da altura e da profundidade. Nas resoluções de sua Primeira Comunhão, ela havia anotado:

Proponho-me a fazer tudo o que sei e posso para [...] reparar as ofensas que Vós, Senhor, recebeis todos os dias dos homens, especialmente das pessoas de minha família; meu Deus, dai-me uma vida de amor, mortificação e sacrifício.

Agora finaliza o propósito no “Ato de Oferecimento”, que inclui o sacrifício da própria vida. O confessor, reconhecendo que a inspiração vem de Deus, mas ignorando as consequências, concorda e confirma que Laura está “ciente da oferta que acabou de fazer”. Ela vive os últimos dois anos com silêncio, alegria e sorriso. E, no entanto, o olhar que ela lança sobre o mundo – como confirmado por um retrato fotográfico, muito diferente da estilização hagiográfica familiar – também fala da consciência dolorosa e da dor que habitam nela. Em uma situação em que lhe falta tanto a “liberdade de” (condicionamento, obstáculos, dificuldades) quanto a “liberdade para” fazer muitas coisas, essa pré-adolescente dá testemunho da “liberdade para”: a da entrega total.

Laura não despreza, mas ama a vida: a sua própria e a de sua mãe. Por isso, ela se oferece. Em 13 de abril de 1902, Domingo do Bom Pastor, ela se perguntou: “Se Ele dá a vida... o que me impede de dar a vida para a mamãe?” Morrendo, ela acrescentou: “Mamãe, estou morrendo, eu mesma pedi a Jesus... por quase dois

anos tenho oferecido a Ele minha vida por você..., para obter a graça de seu retorno!

Essas são palavras desprovidas de arrependimento e reprovação, mas carregadas de grande força, grande esperança e grande fé. Laura aprendeu a aceitar sua mãe como ela é. De fato, ela se oferece para dar a ela a graça de retornar. Na verdade, ela se oferece para dar a ela o que ela sozinha não pode alcançar. Quando Laura morre, mamãe se converte. Assim, Laurita de los Andes, a filha, ajudou a gerar sua mãe na vida de fé e graça.

Venerável Constantino
Vendrame: apóstolo de Cristo

A causa da canonização do servo de Deus, Constantino Vendrame, está avançando. Em 19 de setembro de 2023, o volume da “Positio super Vita, Virtutibus et Fama Sanctitatis” foi entregue à Congregação para as Causas dos Santos, no Vaticano. Vamos apresentar brevemente esse sacerdote professo da Sociedade de São Francisco de Sales.

Das colinas do Vêneto para as colinas do nordeste da Índia

O Servo de Deus P. Constantino Vendrame nasceu em São Martinho di Colle Umberto (Treviso) em 27 de agosto de 1893. São Martinho, vilarejo da cidade maior de Colle Umberto, é uma charmosa cidade italiana na região do Vêneto, na província de Treviso: de suas colinas, São Martinho está voltada tanto para as planícies sulcadas pelo rio Piave quanto para os pré-Alpes da região de Belluno; mantém dessa dupla natureza – uma cidade montanhosa que olha para as montanhas e para a planície – as características de proximidade com os maiores centros populacionais e de projeção ideal para o mundo sóbrio e tímido

das montanhas. Este cenário o futuro missionário P. Constantino encontraria no nordeste da Índia, espremido entre os primeiros contrafortes da cadeia do Himalaia e o vale do Brahmaputra.

Sua família também pertencia a esse mundo de pessoas simples: seu pai Pedro, ferreiro de profissão, e sua mãe Helena Fiori, originária de Cadore, provavelmente se conheceram nas montanhas. Os laços do P. Vendrame com seus irmãos eram fortes: João, de quem guardava fielmente as lembranças; Antônia, mãe de uma família numerosa; sua amada Ângela, a quem estava unido por um profundo afeto, em harmonia de obras e intenções. Ângela permanecerá – com exuberante criatividade – a serviço da paróquia e oferecerá sofrimentos e méritos pelo empreendimento apostólico-missionário do irmão. Na família, era viva também a lembrança de seu irmão mais velho, Canciano, que voou para o céu com apenas 13 anos de idade.



Batizado no dia seguinte ao seu nascimento (28 de agosto) e crismado em novembro de 1898, cedo órfão de pai, primeira comunhão em 21 de julho de 1904 e infância dedicada às tarefas cotidianas – para Constantino Vendrame a vocação sacerdotal tomou forma ainda criança. Talvez tenha suas raízes na entrega do pequeno Constantino a Nossa Senhora – por iniciativa de sua mãe: uma entrega que depois amadureceu em uma doação mais completa.

No entanto, a realidade do seminário – que o Servo de Deus frequentou em Ceneda (Vitório Vêneto) com pleno sucesso – carecia no entanto daquele fôlego missionário que ele sentia como próprio. Por isso, voltou-se para os salesianos e foi na casa salesiana de Mogliano, no Vêneto, que, em 1912, “na pequena portaria, com o bom P. Dones, foi decidida a minha vocação salesiana e missionária”.

Por isso, completou as etapas de formação para a consagração

religiosa entre os filhos de Dom Bosco, em particular como aspirante (a partir de outubro de 1912, em Verona), noviço (a partir de 24 de agosto de 1913, em Ivrea), professo temporário (em 1914) e perpétuo (a partir de 1º de janeiro de 1920, em Chioggia). Foi ordenado sacerdote em Milão em 15 de março de 1924. Desde o momento em que foi admitido no noviciado, foi certificado como “muito firme na prática e bem instruído”. Suas notas no seminário sempre foram excelentes e ele se sai bem na Sociedade de São Francisco de Sales.

Seu curso preparatório foi marcado pelo serviço militar obrigatório. Eram os anos da Grande Guerra: 1914-1918 (para a Itália: 1915-1918). Naqueles momentos, o clérigo Vendrame não recuou; abriu-se para seus superiores; manteve seus compromissos. Os anos da Primeira Guerra Mundial forjaram ainda mais nele a coragem que lhe seria tão útil em sua missão.

Missionário de fogo



O P. Constantino Vendrame recebeu o crucifixo missionário na Basílica de Maria Auxiliadora, em Turim, em 5 de outubro de 1924. Algumas semanas depois, embarcou de Veneza para o nordeste da Índia: destino Assam. Chegou lá no tempo do Natal. Numa pequena estampa, escreveu: “Sagrado Coração de Jesus, tudo confiei em vós, tudo esperei de vós, não fui confundido”. Com os coirmãos, meditou durante a viagem *Ao Encontro do Rei do Amor*: “Tudo está aqui: todo o Evangelho, toda a Lei. Eu vos amei [...]”, “Eu vos amei mais do que a minha vida, porque vos dei a minha vida – e quando alguém dá a vida, dá tudo”. Este é o programa de seu compromisso missionário.

Com relação aos salesianos mais jovens – que teriam completado na Índia a maior parte do caminho para a consagração – ele já chega lá como homem feito, em pleno vigor: tem 31 anos e pode aproveitar não só a dura experiência da guerra, mas também o

aprendizado nos oratórios italianos. Uma terra bela e difícil o aguarda, onde predomina o paganismo de cunho “animista” e algumas seitas protestantes alimentam uma atitude de desconfiança preconceituosa ou de oposição aberta à Igreja Católica. Ele escolhe o contato com as pessoas, decide dar o primeiro passo: começa com as crianças, a quem ensina a rezar e deixa brincar. São esses “amiguinhos” (alguns católicos, alguns protestantes, quase todos pagãos) que falam de Jesus e do missionário católico na família, que ajudam o padre Vendrame em seu apostolado. Ele era ladeado por seus coirmãos – que ao longo dos anos o reconhecerão como o “pioneiro” da atividade missionária salesiana em Assam – e por valiosos colaboradores leigos, formados no decorrer do tempo.

Desse período inicial, permanecem os traços de um missionário de “fogo”, animado pelo único interesse na glória de Deus e na salvação das almas. Seu estilo se torna aquele do Apóstolo dos Gentios, a quem ele seria comparado pela eficácia propulsora de sua proclamação e pela forte atração dos pagãos para Cristo. “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!” (cf. 1Cor 9,16), diz o P. Vendrame com sua vida. Ele se expõe a todo desgaste, desde que Cristo seja anunciado. Verdadeiramente para ele também: “Inúmeras viagens, perigos dos rios [...], perigos dos pagãos [...]; dificuldades e fadigas, vigílias sem conta, fome e sede, jejuns frequentes, frio e nudez” (cf. 2Cor 11,26-27). O Servo de Deus se torna um andarilho no nordeste da Índia, infestado por todos os tipos de perigos; ele se sustenta com uma dieta muito pobre; enfrenta retornos noturnos tardios ou noites passadas quase congelando de frio.

Sempre na trincheira

No início da Segunda Guerra Mundial e nos anos seguintes, o P. Constantino Vendrame pôde aproveitar – em momentos de particular fadiga “ambiental” (campos militares; extrema pobreza no sul da Índia) e dificuldades “eclesiais” (duras oposições no nordeste da Índia) – de toda uma série de treinamentos prévios: sob a custódia dos Gurkhas; em Deoli; em Dehra Dun; missionário em Wandiwash no Tamil Nadu; em Mawkhar

no Assam. Em Deoli, ele é “reitor” dos religiosos no campo; também em Dehra Dun, ele dá o exemplo.

Libertado no final da guerra, mas impedido por razões políticas completamente alheias à sua pessoa de retornar ao Assam, o P. Vendrame – que tinha mais de 50 anos e estava desgastado pelas privações – é designado por Dom Luís Mathias, Arcebispo de Madras, para Tamil Nadu. Lá, o P. Constantino teve que começar tudo de novo: mais uma vez, ele soube se fazer amar profundamente, consciente – como escreveu em uma carta de 1950 aos seus irmãos sacerdotes da Diocese de Vitória Vêneto – das condições extremamente duras de seu mandato missionário:

Ele estava convencido de que em toda parte havia o bem a ser feito e almas a serem salvas. Permanecendo “*ad experimentum*”, de modo a garantir a continuidade daquela pobre missão, finalmente retornou ao Assam: podia descansar, mas havia planos para estabelecer uma presença católica em Mawkhar, um distrito de Shillong, então considerado a “fortaleza” dos protestantes.

E foi exatamente em Mawkhar que o Servo de Deus realizou a sua “obra-prima”: o nascimento de uma comunidade católica que ainda hoje floresce, na qual – em anos muito distantes da sensibilidade ecumênica de hoje – a presença católica foi primeiro duramente combatida, depois tolerada, depois aceita e, finalmente, estimada. A *unidade* e a *caridade* testemunhadas pelo P. Vendrame foram para Mawkhar uma proclamação sem precedentes e “escandalosa”, que conquistou os corações mais duros e atraiu a benevolência de muitos: ele havia levado o “mel de São Francisco” – isto é, a bondade salesiana, inspirada na gentileza de São Francisco de Sales – a uma terra onde os ânimos estavam fechados.

Rumo ao ocaso

Quando as dores nos ossos se tornaram insistentes, ele admitiu em uma carta: “com dificuldade consegui controlar o trabalho do dia”. Apresenta-se o último trecho da jornada terrena. Chega o dia em que ele pede para verificar se sobrou alguma

comida: um pedido singular para o P. Vendrame, que se alimentava do essencial e, voltando tarde, nunca quis incomodar alguém para o jantar. Naquela noite, ele não conseguia nem mesmo articular algumas frases: estava exausto, prematuramente envelhecido. Tinha se mantido em silêncio até o fim, vítima de uma artrite que também afetou sua coluna vertebral.

A hospitalização era iminente, mas em Dibrugarh: isso o teria poupado da aglomeração constante de pessoas; às pessoas, a dor de testemunhar, impotentes, a agonia do pai. O Servo de Deus chegava ao ponto de desmaiar de dor: cada movimento se tornava terrível para ele.

Dom Orestes Marengo – seu amigo e ex-clérigo, bispo de Dibrugarh –, as Irmãs de Maria Menina, alguns leigos, a equipe médica, incluindo muitas enfermeiras, foram conquistados por sua gentileza.

Todos o reconheceram como um verdadeiro homem de Deus, até mesmo os não cristãos. O P. Vendrame, em seu sofrimento, podia dizer, como Jesus: “Não estou só, porque o Pai está comigo” (cf. Jo 16,32).

Atingido pela doença e pelas complicações da pneumonia por estase, ele morreu em 30 de janeiro de 1957, na véspera da festa de São João Bosco. Apenas alguns dias antes (24 de janeiro), em sua última carta à irmã Ângela, ele ainda se projetava no dinamismo apostólico, lúcido no sofrimento, mas sempre um homem de esperança.

Era tão pobre que não tinha nem mesmo uma túnica funerária adequada: Dom Marengo lhe deu uma de sua propriedade para que ele pudesse ser mais dignamente revestido. Uma testemunha relatou como o P. Costantino estava bonito na morte, ainda melhor do que em vida, finalmente livre das “fadigas” e “tensões” que haviam marcado tantas décadas.

Depois de uma primeira cerimônia fúnebre/despedita em Dibrugarh, o velório e o funeral solene ocorreram em Shillong. As pessoas acorreram com tantas flores que parecia uma procissão eucarística. A multidão era imensa, muitos se aproximaram dos sacramentos da Reconciliação e da Comunhão:

essa atitude generalizada de se aproximar de Deus, mesmo por parte daqueles que haviam se afastado dele, foi um dos maiores sinais que acompanharam a morte do P. Constantino.